



Joana Filipa Cardoso Amado

PRODUÇÃO TEATRAL n'A Escola da Noite

Relatório de Estágio de Mestrado em Estudos Artísticos: orientado pelo Doutor João Maria André e co-orientado pelo Dr. Pedro Rodrigues, apresentado ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes

Setembro de 2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

Produção Teatral n'A Escola da Noite

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	Produção Teatral n'A Escola da Noite
Autor/a	Joana Filipa Cardoso Amado
Orientador/a	Doutor João Maria Bernardo Ascenso André
Coorientador/a	Dr. Pedro Rodrigues
Identificação do Curso	2º Ciclo em Estudos Artísticos
Área científica	Teatro
Especialidade/Ramo	
Data	2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

AGRADECIMENTOS

E eis que termina mais uma aventura!

Ao longo deste sinuoso percurso, foram muitos os obstáculos que me iam surgindo.

Não obstante, não me foi permitido ultrapassá-los sozinha. E é, exactamente, para todos aqueles que me acompanharam nesta viagem que presto um sincero OBRIGADA!

Em primeiro lugar, ao meu orientador, o Professor Doutor João Maria André, pela orientação, colaboração e disponibilidade.

Agradeço ao Pedro Rodrigues pela sua preciosa ajuda e que sem hesitação me acolheu, confiando no meu trabalho ao longo dos três meses. Agradeço-lhe a disponibilidade e por ter contribuído para o meu amadurecimento profissional e pessoal.

A todos os elementos d' A Escola da Noite que desde o primeiro dia me acompanharam fazendo com que me sentisse em casa. À Maria João, à Sofia, ao Pinto, à Ana Rosa, ao Rui Valente, ao Zé Diogo, à Cláudia, ao Sr. Carlos, ao António Barros e à Sandra pela calorosa recepção e pelo auxílio necessário ao longo das actividades que me eram solicitadas e aos atores em geral pela amizade e pela ajuda neste processo de escrita, fornecendo algumas informações importantes para chegar a determinadas conclusões.

Obrigada aos meus pais e à minha irmã pela compreensão, zelo, cuidado, ajuda, sacrifícios, carinho, apoio e força que me deram para chegar até aqui, por acreditarem em mim e pela confiança depositada ao longo do meu percurso académico e à minha família em geral.

E por último, aos meus amigos, principalmente aos que estiveram sempre presentes: Luís, Alexandra, Sofia, Catarina, Mariana, Dede, Anaísa, Mónica, João e Poeta. Foram o meu alicerce!

A todos os que me disseram “sim” e aos que compreenderam o meu “não”...muito obrigada!

Joana Amado

ÍNDICE

RESUMO.....	6
INTRODUÇÃO	8
PARTE I - CARATERIZAÇÃO DAS ENTIDADES ACOLHEDORAS.....	9
Capítulo 1 -A Escola da Noite	9
1.1. O Teatro e A Escola da Noite	9
1.2. Contextualização histórica da estrutura teatral	11
Capítulo 2- Cena Lusófona.....	17
2.1. Origem, História e Objectivos (1995-2014).....	17
2.2. Actividades formativas	19
PARTE II - O P-STAGE- IV ESTÁGIO INTERNACIONAL DE ACTORES E AS ORAÇÕES DE MANSATA	22
Capítulo 3- P-STAGE.....	22
3.1. A importância do P-STAGE	22
3.2. Parceiros, Associados e Apoios do projecto P-STAGE	23
3.3. Descrição do processo formativo e a importância das oficinas realizadas ao longo do projecto	26
Capítulo 4- As Orações de Mansata	29
4.1. Trabalho de produção de uma peça de teatro	29
4.2. A Peça “As Orações de Mansata”	31
4.3. Direcção Artística.....	34
4.4. Elenco.....	35
4.5. Produção da peça “As Orações de Mansata”	37
4.6. O espectáculo e recepção do público	38
PARTE III- O ESTÁGIO	40
Capítulo 5- Estágio e actividades realizadas	40
5.1. O Estágio	40

5.2 Breve descrição das actividades realizadas	43
CONCLUSÃO E BALANÇO CRÍTICO	47
BIBLIOGRAFIA	49
WEBGRAFIA.....	49
ANEXOS	51
ANEXO I.....	52
Lista de Produções	52
ANEXO II	56
Fotografias dos espectáculos dos Estágios Internacionais de Actores	56
ANEXO III	60
Currículum da Direcção Artística	60
ANEXO IV.....	65
Currículum dos Actores.....	65
ANEXO V.....	76
Fotografias das Oficinas	76
ANEXO VI.....	79
Materiais Gráficos do espectáculo “As Orações de Mansata”	79
ANEXO VII.....	84
Cartazes dos espectáculos inseridos no período de estágio	84
ANEXO VIII.....	89
Email para as Associações.....	89

RESUMO

O presente relatório consiste na compilação das actividades ao longo de três meses de estágio curricular no âmbito do Mestrado de Estudos Artísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O estágio decorreu na companhia de teatro A Escola da Noite, no período de 2 de Setembro a 2 de Dezembro de 2013.

Neste relatório serão abordados temas relacionados com as entidades acolhedoras: A Escola da Noite e a Cena Lusófona; com o projecto desenvolvido pela Cena Lusófona; o P-STAGE e espectáculo As Orações de Mansata; a programação do Teatro da Cerca de São Bernardo e ainda todas as actividades que realizei directamente no âmbito do estágio.

Palavras-chave: A Escola da Noite, Cena Lusófona, P-STAGE, As Orações de Mansata, Produção

ABSTRACT

The following report consists of a compilation of activities over a 3 month long curricular internship under the Master for Artistic Studies of the University of Coimbra's Faculty of Letters.

The internship took place in the theatre group "A Escola da Noite", between September 2nd and December 2nd.

This report will address issues related with the host entities: "A Escola da Noite" and "Cena Lusófona"; with the project developed by "Cena Lusófona"; the P-STAGE the P-STAGE and the play "As Orações de Mansata"; the programming of Teatro da Cerca de São Bernardo; as well as all the activities carried out under the internship.

keywords: A Escola da Noite, Cena Lusófona, P-STAGE, As Orações de Mansata, Production

INTRODUÇÃO

O presente relatório consiste na compilação das actividades realizadas ao longo dos três meses de estágio curricular integrado no segundo ano do 2º Ciclo do Mestrado de Estudos Artísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O estágio concretizou-se entre 2 de Setembro e 2 de Dezembro de 2013 na companhia de teatro “A Escola da Noite”, companhia residente e responsável pela gestão do Teatro da Cerca São Bernardo, localizada no centro da cidade de Coimbra.

Este relatório procura descrever, de forma sucinta, um estágio curricular realizado com o objectivo de obter uma primeira experiência profissional na área de teatro. Ele aborda não só o processo de produção teatral do espectáculo “As Orações de Mansata”, Abdulai Sila, mas também todas as actividades – formação, produção, programação - executadas na Companhia durante o período do estágio.

O relatório de estágio está dividido em três partes:

- a) A *primeira parte* está dividida em dois capítulos. No primeiro, faço uma pequena contextualização sobre a história d’”A Escola da Noite” traçando o seu percurso e definindo os seus objectivos. É igualmente apresentada a Cena Lusófona (instituição co-produtora do projecto P-STAGE e do espectáculo “As Orações de Mansata”) - faço referência aos seus objectivos dando destaque às actividades formativas por ela organizada;
- b) Na segunda parte, também ela dividida em dois capítulos, desenvolvo as características e implicações do Projecto P-STAGE e desenvolvo aspectos relacionados com o espectáculo ”As Orações de Mansata” e tudo o que a ele diz respeito, incluindo direcção artística e elenco;
- c) Na terceira e última parte dou destaque ao trabalho de produção, ou seja, todas as tarefas desenvolvidas ao longo dos três meses: montagem, divulgação, apoio administrativo e frente-de-casa, entre outras.

Farei uma conclusão e uma apreciação crítica da experiência ao longo dos três meses de estágio, na companhia “A Escola da Noite”.

PARTE I - CARATERIZAÇÃO DAS ENTIDADES

ACOLHEDORAS

Capítulo 1 -A Escola da Noite

1.1. O Teatro e A Escola da Noite

O teatro, enquanto conjunto de representações, é uma arte viva e de palco, que proporciona (bem como depende dele) o contacto entre os actores e um público num determinado espaço.

Para as questões “O que é o teatro? Para que serve? Como funciona?” há variadíssimas respostas, pois o teatro acompanha o percurso da sociedade e as necessidades numa determinada época, sem esquecer que depende também do público. Os espectadores são a razão de ser do teatro.

É exactamente teatro que A Escola da Noite quis e continua a fazer desde a sua fundação:

“...uma companhia de teatro que continua a fazer-se, a experimentar e a aprender todos os dias. Com os erros e com os acertos que ao longo de 22 anos fomos cometendo e conseguindo. Sempre como uma estrutura de criação artística, que, desde 2008, assumiu também, por vontade própria, responsabilidades e compromissos ao nível da gestão e programação de um espaço cultural.”¹

Foi fundada em 1992 na cidade de Coimbra numa altura em que era dos maiores centros urbanos do país sem companhias de teatro profissional com capacidade de prestar um verdadeiro serviço público proporcionando oferta cultural no panorama da criação artística. Existiam grupos de teatro universitários - o TEUC (Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra) e o CITAC (Círculo de Iniciação de Teatro da Academia de Coimbra) e houve a criação de uma companhia profissional de teatro, no seio da Cooperativa Bonifrates, na década de oitenta, que teve, no entanto, apenas a duração de três anos.

O facto de se situar no centro da cidade de Coimbra permite-lhe criar um público mais fiel e que acompanha o seu percurso, algum dele desde o início. No entanto, estar sediada nesta cidade dificulta a sua visibilidade em termos nacionais,

¹ Resposta de Pedro Rodrigues à questão “ Com vêm A Escola da Noite?”

factor a que não será alheio a parca cobertura por parte dos órgãos de comunicação social.

Existem duas razões para a escolha do nome da Companhia:

”a primeira é uma citação/homenagem a um movimento artístico e intelectual que existiu em Inglaterra no final do século XVI que ficaria conhecido, graças a Shakespeare, como “The School of the Night”. A segunda deriva do facto de os fundadores da companhia virem do Teatro Universitário, estabelecendo a diferença entre a Universidade e o mundo académico (“A escola do dia”) e o universo artístico e teatral (“A Escola da Noite”).”²

Como vemos, a criação d’ A Escola da Noite está muito ligada à Universidade, até porque os seus fundadores (alguns mantêm-se até aos dias de hoje) vieram do TEUC, apesar de estarem ligados a áreas de estudo diversas. Tendo ganho com o teatro universitário maturidade nos seus conhecimentos teatrais este grupo entendeu que o passo seguinte - a profissionalização - teria de ser dado, fazendo da prática teatral uma prática a tempo inteiro.

É relevante referir os treze protagonistas da fundação d’A Escola da Noite: António Augusto Barros (encenador), Sofia Lobo (atriz), Ana Rosa Assunção (gráfica e figurinista), Rui Valente (produtor) e João Mendes Ribeiro (cenógrafo) — que fazem parte da equipa actual — e ainda José Neves (actor), Lígia Roque (atriz), José Abreu Fonseca (actor), José Santana (técnico de som), Manuel Guerra (encenador), Jorge Ribeiro (técnico de luz), Rosário Romão (atriz) e António Jorge (actor).

Aos fundadores movia-os apenas a vontade de fazer teatro em padrões diferentes do que já era feito no teatro universitário.

No que respeita aos projectos desenvolvidos pel’A Escola da Noite, ressalta a influência clara da passagem de muitos dos elementos pelo TEUC, permanecendo ideias do que por lá fizeram e aprenderam e uma grande identificação com o grupo “The School of Night”, como grupo de discussão e contestação, muito ligado ao espírito crítico da Universidade.

² Resposta à questão “Qual o motivo para a escolha o nome da companhia?”, por Pedro Rodrigues

1.2. Contextualização histórica da estrutura teatral

A vontade de fazer teatro foi um grande motivo para a fundação d'A Escola da Noite, mas esta foi também impulsionada por um evento que lhe favoreceu o estabelecimento profissional: A Capital Nacional do Teatro.

A iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura fazia intervenções no domínio do teatro na cidade nomeada, quer na construção ou na recuperação de equipamentos, quer nos apoios a grupos que existissem nessas mesmas cidades.

Em Dezembro de 1991, Coimbra foi escolhida como Cidade Capital do Teatro 1992/1993. O Secretário de Estado Pedro Santana Lopes escolheu o encenador Ricardo Pais para comissário-geral do projecto, que incluía a criação de uma companhia profissional de teatro na cidade de Coimbra e essa Companhia foi “A Escola da Noite”.

Assim, esta iniciativa foi verdadeiramente importante para a história da Companhia, pois permitiu um apoio financeiro considerável de modo a que esta pudesse manter um grupo profissional de actores, técnicos, produtores sendo que este facto permitiu também condições necessárias para o seu lançamento a um bom nível.

No dia 19 de Março de 1992, A Escola da Noite estreia a sua primeira produção “Amado Monstro”, de Javier Tomeo, com encenação e interpretação de António Jorge e José Neves, no Teatro Académico Gil Vicente. “Amado Monstro” passou por Braga, Guarda, Évora e Figueira da Foz.

“Amado Monstro é como texto, como diálogo uma peça notável mesmo que aparentemente menor. A encenação foi dos próprios intérpretes, António Jorge e José Neves, e permitiu, pelo menos, a revelação de um cenógrafo, João Mendes Ribeiro, que criou um espaço depurado, de um grande rigor, uma zona de grande qualidade arquitectónica onde paira um toque de Bauhaus. Um solo fortemente inclinado sinaliza o desequilíbrio das duas personagens e das situações (...) e que confirma aqui um talento indiscutível (...).Um belo trabalho.”³

³ Comentário feito por Carlos Porto, in jornal de Letras, 7/4/92. Referência vista em www.aescoladanoite.pt, consultada a última vez a 31 de Agosto de 2014

A Companhia lutava por um espaço próprio onde pudesse exercer a sua actividade e a 11 de Maio de 1992 e a pedido da Câmara Municipal de Coimbra, a Companhia escreveu uma carta a solicitar espaços e a sugerir algumas possibilidades, entre espaços que estavam desocupados na cidade. Em Outubro do mesmo ano estreia “O Triunfo do Amor”, de Marivaux com a encenação de Rogério de Carvalho, no Teatro Avenida.

No início do ano de 1993, A Escola da Noite continua sem um espaço e faz nova itinerância para promover as duas peças até então apresentadas: “Amado Monstro” e “O Triunfo do Amor”. A terceira produção da Companhia estreia a 11 de Janeiro - “Ella”, de Herbert Achternbusch, encenada por Fernando Mora Ramos, foi apresentada no Edifício das Caldeiras do Antigo Hospital da U.C.

No primeiro aniversário d’A Escola da Noite, estreia “Susn” no Teatro Académico Gil Vicente a 24 de Março do mesmo ano.

Enquanto a Câmara Municipal não lhes dá certezas quanto à instalação da Companhia, os membros d’A Escola da Noite continuam o seu trabalho e realizam a sua quinta produção no Cineteatro do Colégio São Teotónio com uma peça de Gil Vicente: “Auto da Índia” estreada a 3 de Maio.

A 3 de Julho, estreia a sexta produção: “Mandrágora”, de Nicolau Maquiavel, no Teatro Avenida, espaço esse que fora recuperado pelas obras efectuadas no âmbito de Coimbra Capital do Teatro. O espectáculo foi encenado por Ricardo Pais, o que a companhia valorizava desta forma:.

“Para A Escola da Noite este trabalho tem motivos bastantes para uma importância acrescida. Por isso o entendemos como o fim lógico de um primeiro ciclo de vida da companhia em que se testaram capacidades e formas de actuação, se aprendeu muito em conjunto ao realizar seis espectáculos em ano e meio e se deu forma a uma estrutura teatral permanente, onde imperou a azáfama do fazer com o simultâneo prazer de questionar ideias e projectos.

Com Mandrágora voltamos ao início. Ricardo Pais tinha sido o primeiro encenador contactado pelo grupo quando se decidiu a constituição, antes da Capital do Teatro. Desde aí tem sido amigo e conselheiro de todas as horas. Mas era como encenador que o gostávamos de ver connosco e agora esse desejo concretizou-se (...) [e] voltámos também à essência do nosso projecto. Apresentávamo-nos com um nome herdado do cepticismo do séc. XVI inglês e da procura de um outro saber oposto ao

saber cognoscível. Era uma espécie de talismã para um grupo que nascia na orla da Universidade e com vontade de afirmar uma outra maneira de estar no teatro.”⁴

Ainda no mesmo ano (8 de Dezembro) apresenta a sua sétima produção: “Comédia sobre a divisa da Cidade de Coimbra”, de Gil Vicente no Teatro Avenida.

Em 1994 é-lhes apresentado pela Câmara Municipal de Coimbra um projecto de auditório no Pátio da Inquisição: um palco com 4 metros de fundo, sem sub-palco e sem teia. Seriam necessárias variadíssimas alterações uma vez que não apresentava condições adequadas nem para ensaiar, nem para a apresentação de espectáculos.

Em Maio do mesmo ano, o Teatro Avenida passa a ser gerido por Paulo Branco. Este informa A Escola da Noite que terá de pagar uma renda de 750euros por dia (na altura cerca de 150 contos) se quisesse usufruir do local. Com poucos apoios financeiros a Companhia não aceitou, ficando sem local para trabalhar.

O que lhes restava na altura era o auditório de Colégio de São Teotónio. Como a utilização desta sala não podia ser exclusiva, isso impedia a apresentação do espectáculo “Lêoncio e Lena”: a ante-estreia foi realizada no Castelo de Montemor-o-Velho a 30 de Julho de 1994 e a estreia aconteceu no Teatro Circo de Braga, em 22 de Novembro de 1994. A primeira apresentação em Coimbra foi no Teatro Académico de Gil Vicente no dia 5 de Dezembro de 1994.

Os primeiros anos de actividade não foram fáceis, pois a companhia debateu-se com sérios problemas como a falta de financiamento, a falta de apoio por parte da Câmara Municipal de Coimbra e, essencialmente, com a falta de espaço próprio. Esta última circunstância contribuiu para que a companhia se afirmasse como uma companhia itinerante. Mas devemos dizer que a itinerância surgiu também como uma componente fundamental do seu projecto enquanto companhia e assim se manteve, mesmo depois de ter entrado no primeiro espaço (ainda que provisório) no Pátio da Inquisição.

Ao longo do seu percurso a companhia saiu "fora de portas" mais de uma centena de vezes, percorrendo os mais variados espaços em Portugal e no estrangeiro. Ainda que todas as deslocações sejam importantes, gostaria de destacar aqui as cidades de Braga e do Porto (que já viram por dez vezes espectáculos d'A Escola da Noite), as apresentações que tiveram lugar em países

⁴ Referência consultada no site www.aescoladanoite.pt no dia 31 de Agosto de 2014

lusófonos (Brasil, Guiné-Bissau, Moçambique e Angola) e ainda a inauguração, enquanto espaços de teatro, das salas do Centro Cultural de Belém (pequeno e grande auditórios).

Circulou por várias salas da cidade de Coimbra, como o Teatro Académico de Gil Vicente, Teatro Avenida, o Cine- Teatro do Colégio de S. Teotónio, bem como espaços onde se improvisaram condições razoáveis para a representação teatral, como é o caso do Edifício das Caldeiras, actual Casa das Caldeiras. Isto é, para cada espectáculo procurava salas disponíveis para poder exhibir as suas peças.

Em 1995, a Câmara Municipal de Coimbra assinou finalmente um protocolo com a Companhia, que contempla um apoio financeiro anual e um espaço provisório onde se improvisaram condições para ali representarem as suas peças, uma antiga garagem, no Pátio da Inquisição. Tratava-se de uma garagem com várias limitações para o exercício da prática teatral com uma área de 30 metros de comprimento e 12 de largura mas com menos de 4 metros de altura. Foram instalados um tecto técnico e uma bancada amovível. A chegada da Companhia ao Pátio da Inquisição foi um dos momentos mais significativos na história do grupo, pois finalmente passou a ter um espaço próprio. O facto d'A Escola da Noite ter estado sediada no Pátio da Inquisição contribui para que aquele local de grande memória histórica voltasse a ter significado e renascesse. Este espaço ficou sujeito a projectos de recuperação e construção de um teatro municipal, o Teatro da Cerca São Bernardo (TCSB).

Foram aliás as obras deste teatro (que implicavam a demolição da garagem) que implicaram a necessidade de uma solução alternativa para instalar a companhia enquanto durassem os trabalhos. A Câmara Municipal de Coimbra construiu um pré-fabricado (uma solução rápida) num terreno totalmente disponível de sua propriedade, no Vale das Flores. A estadia nesse espaço durou 6 anos, entre 2002 e 2008.

A instalação na Oficina Municipal do Teatro melhorou muito as condições de trabalho, pois permitiu que a companhia aí efectuasse produções mais elaboradas, evidenciando a sua evolução.

O primeiro espectáculo apresentado na Oficina Municipal do Teatro no dia 28 de Outubro de 2002 foi o “Auto da Visitação e outras cousas que por cá se fizeram”,

de Gil Vicente, encenado por António Augusto Barros. Até 2008 a companhia estreou neste espaço dezanove produções⁵.

A última peça a ser exibida na Oficina Municipal pela Escola da Noite foi “Bonecos e Farelos” estreada a 17 de Abril de 2008 sob a direcção de António Jorge.

Em Setembro de 2008 a Companhia voltou ao Pátio da Inquisição e se instalou no novo espaço- o Teatro da Cerca de São Bernardo (TCSB), espaço construído para alojar a Companhia. Logo nesse mês estreou “Tumulto no Teatro”, com textos de Raúl Brandão e dramaturgia e encenação de Sílvia Brito. Foi o primeiro espectáculo no novo edifício. A companhia ficou também responsável por gerir o espaço e por assegurar a sua programação regular.

Desde que a companhia se instalou no TCSB, já foi palco de centenas de espectáculos, não só produções próprias, como de outras Companhias, Festivais, Conferências, Ciclos de Cinema, Espectáculos de Magia, entre outras actividades.

Durante esta constante mudança de locais a Companhia também se foi formando, aprendendo, maturando, guiando-se sempre pela vontade e objectivo de criação artística e de experimentação, para poder fazer coisas difíceis e arriscadas.

É uma Companhia que está aberta a outras companhias e outras pessoas para assim conhecer mutuamente o trabalho de cada um. Ainda se encontra a crescer e a encontrar o seu público e tem sido uma evolução bastante positiva. Continua a receber e é recebida noutras “casas”.

É financiada maioritariamente pelo Governo Português, através de contratos plurianuais sucessivamente celebrados com o Ministério/ a Secretaria de Estado da Cultura. Conta igualmente com um financiamento da Câmara Municipal de Coimbra e, complementarmente, com as receitas de bilheteira. Projectos específicos têm obtido apoios pontuais, através de fundos comunitários ou de outras instituições, públicas e privadas.

O subfinanciamento e os períodos de indefinição quanto a espaços e condições financeiras são os principais problemas e reflectem-se na sua capacidade de planificação e concretização das iniciativas da maneira que seria desejável.

Neste sentido, a companhia mantém-se fiel ao que escrevia num dos textos/ manifestos publicados na altura da fundação:

⁵ Lista de Produções em Anexo I

“A Escola da Noite define-se como companhia em formação, que pretende “fazer caminho caminhando”, sem o espalho de grandiloquentes postulados estéticos e culturais prévios (como se cada grupo devesse ter uma “filosofia” ou uma “estética” privadas...), que se tornam obsoletos no fragor dos primeiros embates. Sabe-se o que se quer fazer e como, mas pouco se intui do resultado do confronto da matéria teatral com o seu público, com a sua crítica, ou dos reflexos do funcionamento da ética do grupo e da prática artística em cada um dos seus elementos (...).”Fazer um teatro à medida das nossas dúvidas” foi a fórmula que encontramos para afirmar que não nos limitaremos a reproduzir fórmulas. Tentaremos que o nosso trabalho reflecta, em cada momento, as nossas questões à norma, ao fazer teatral. (...) A companhia não se sente investida na missão de formar públicos, mas contribuir, pela sua visão ou interesses teatrais próprios, para a diversificação do olhar e do espectro de escolha do espectador. Importante para nós será que o público possa ler o nosso percurso e, nessa base, ir estabelecendo connosco protocolos baseados no encontro possível das suas necessidades culturais com a nossa evolução (...)”⁶

A Escola da Noite faz uma média de três espectáculos por ano, apresentando um reportório diverso, que explora não só a dramaturgia clássica, mas também, a dramaturgia contemporânea.

Relativamente ao reportório da companhia, ele inclui os grandes textos e autores da dramaturgia universal (desde a Grécia antiga) até aos dramaturgos contemporâneos. No entanto, se atendermos à lista, os textos de Gil Vicente⁷ são os que são representados mais vezes.

⁶ Referência acessível no site www.aescoladanoite.pt, tendo sido consultada no dia 31 de Agosto de 2014.

⁷ Lista de Produções em Anexo I

Capítulo 2- Cena Lusófona

2.1. Origem, História e Objectivos (1995-2014)

A Cena Lusófona - Associação Portuguesa para o Intercâmbio Teatral- existe como estrutura organizada desde 1996 e tem sede em Coimbra. Foi criada por cerca de quatro dezenas de pessoas- encenadores, actores, cenógrafos, técnicos, antropólogos e arquitectos de cena-, que têm vindo a desenvolver uma organização direccionada para o intercâmbio teatral na comunidade lusófona. É presidida por António Augusto Barros, também fundador e director artístico d'A Escola da Noite.

Perante o convite para organizar um festival de teatro de língua portuguesa, feito pelo Secretário de Estado da Cultura em 1995, Barros propôs um programa mais vasto de cooperação teatral, com um alcance maior e mais complexo, que viria a estar na base da criação da associação.

Actualmente, a Cena Lusófona trabalha com todos os países da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) e com eles tem desenvolvido diversas actividades. Entre as iniciativas realizadas merecem maior destaque: as co-produções de espectáculos em que se envolveram parceiros de dois ou mais países lusófonos; circulação de espectáculos; planos continuados de formação nos vários domínios do fazer teatral (interpretação, técnica de palco, produção, documentação); reconhecimento e apoio à qualificação de espaços cénicos nos países africanos; constituição de Centros de Intercâmbio Teatral e organização de um festival itinerante pelos vários países – as “Estações da Cena Lusófona”.

O objectivo deste festival não é uma mostra massificada de espectáculos e grupos, mas sim criar um momento para apresentar resultados das acções que se vão desenvolvendo ao longo do ano. É importante na medida em que se vão aprofundando experiências e se realizam debates para encontrar novos caminhos para diversos ramos artísticos.

Para estas “Estações” são convidados alguns espectáculos mais representativos da lusofonia, que constituem outros pretextos acrescentados para o debate e para uma avaliação pública relativamente às potencialidades culturais e sociais do intercâmbio teatral na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Foram até ao momento realizadas seis edições: em Moçambique (Maputo, em

1995), no Brasil (Rio de Janeiro, Recife e São Paulo, em 1996), Cabo Verde (Mindelo, em 1997), Portugal (Braga, Coimbra e Évora, em 1999 e Coimbra, em 2003) e em São Tomé e Príncipe (em 2002).

O teatro é o foco mais importante das Estações. No entanto, as programações têm incluído diversos projectos tanto na área da música, como na área da dança e do audiovisual, para além dos debates, das formações, dos encontros temáticos e de exposições.

A Cena Lusófona contém também, um conjunto de publicações, que inclui uma colecção de dramaturgia de língua portuguesa a revista especializada **setepalcos** e o jornal **cenaberta** (em papel e online), uma forma de divulgação da dramaturgia de língua portuguesa e o lançamento de pontes para o diálogo entre o universo lusófono e a Galiza.

O Centro de Documentação e Informação teve início em Setembro de 1997, com a coordenação científica e técnica de Jorge Pais de Sousa. É, ainda hoje, um centro de recursos especializado na difusão da documentação e informação, no âmbito do teatro e das artes cénicas, relativas ao espaço cultural ocupado pelos países que integram a Comunidade de Países de Língua Portuguesa. Este centro pretende apoiar as actividades que se relacionam com a promoção e intercâmbio teatral, a realização de co-produções, o apoio à edição e à investigação, o ensino e a formação, de forma a auxiliar todos aqueles que recorrem aos seus serviços no processo de transformação da informação em conhecimento.

Actualmente, dispõe de um vastíssimo conjunto documental, organizado em de livre acesso com diversos suportes (impresso, videográfico, fotográfico, sonoro, iconografia em cartaz, etc.) relacionados exclusivamente com o teatro e as artes do espectáculo.

Possui também uma base de dados actualizada sobre o teatro da lusofonia sobre espaços cénicos, actores, encenadores, dramaturgos, companhias de teatro, edições, escolas de teatro e festivais.

A Cena Lusófona distingue-se pelo contributo que tem dado ao intercâmbio cultural no seu domínio de intervenção, quer através do Centro de Documentação, quer pela troca de experiências e de conhecimentos proporcionada pelo conjunto das suas actividades.

2.2. Actividades formativas

2.2.1 Estágios Internacionais de Actores

Como foi dito anteriormente, a Cena Lusófona é uma organização que se dedica a promover o intercâmbio teatral entre os países de língua portuguesa. Entre as actividades de formação, destacam-se os Estágios Internacionais de Actores (EIA).

Estes estágios não têm uma regularidade definida, pois dependem de um conjunto de circunstâncias e oportunidades para se concretizarem: circunstâncias artísticas, com projectos interessantes que se possam desenvolver e formadores disponíveis; e oportunidades de parceria com outras instituições, dado que a logística destes estágios envolvem custos avultados derivado das deslocações de actores dos vários países.

A estes jovens actores dos vários países de língua oficial portuguesa é dada uma excelente oportunidade de formação artística que é ao mesmo tempo um teste à capacidade de compreensão humana e artística entre pessoas de diferentes culturas. Proporcionam-lhes o encontro único entre pessoas de diferentes locais e que podem a partir daí aumentar as suas ligações no futuro e projectos entre indivíduos e instituições dos diferentes países.

O I Estágio Internacional de Actores (1997-1998) traduziu-se, no concreto, na possibilidade do encontro de quinze jovens actores (dois do Brasil, um de São Tomé e Príncipe, dois de Moçambique, dois de Cabo Verde, dois da Guiné-Bissau, dois de Portugal, dois de Timor e dois de Angola), numa duração de onze meses de trabalho árduo.

Na primeira fase de estágio, realizou-se em Lisboa o exercício A Fronteira⁸ com a direcção de Rogério de Carvalho (Angola), que fez uma digressão por Lisboa, Braga, Évora, Montemor-o-Velho e Coimbra. Numa segunda fase, em Coimbra, houve a oportunidade de construir outro exercício-espectáculo, O Beijo no Asfalto⁹ de Nelson Rodrigues com a encenação de José Caldas (Brasil). A estreia foi num

⁸ Fotografia do espectáculo A Fronteira em Anexo II

⁹ Fotografia do espectáculo O Beijo do Asfalto em Anexo II

dia especial, o Dia Mundial do Teatro, a 27 de Março, no Teatro Académico de Gil Vicente.

A última fase deste Estágio constou da participação dos actores no projecto Olharapos¹⁰, inserido no quadro de animação permanente da Expo'98: os estagiários receberam formação nas áreas da dramaturgia, da cenografia, da coreografia, e da construção e utilização de máscaras.

O II Estágio Internacional de Actores teve início em 1998 e terminou em 2000. Fez parte deste projecto a realização de seis oficinas de formação que envolveram cerca de 120 actores. Esta formação e selecção de actores realizou-se entre 1998 e 1999 em cada um dos países de origem dos participantes do estágio: Brasil (São Paulo e Salvador da Bahia), Moçambique (Maputo), Angola (Luanda), Cabo-Verde (Mindelo) e Portugal (Braga). Foram seleccionados 14 actores (quatro do Brasil, um de São Tomé e Príncipe, uma de Cabo Verde, um de Moçambique, dois de Angola, uma da Guiné-Bissau, e quatro de Portugal. Reuniram-se durante dois meses em Portugal e deram corpo ao espectáculo Quem Come Quem¹¹, dirigido por Stephan Stroux e Sebastião Milaré que estreou em Julho de 2000, nas cidades de Coimbra e Braga.

Em 2003, no âmbito de “Coimbra, Capital da Cultura”, foi organizado o III Estágio Internacional de Actores que se estruturou em torno de um plano de formação assente no envolvimento dos estagiários na actividade quotidiana de uma companhia de teatro profissional – A Escola da Noite. Para além da integração plena dos actores estagiários nas actividades de formação correntes da Companhia (Tai Chi Chuan, leituras, trabalho de corpo e de voz) dinamizaram-se também diversas actividades próprias das quais se destacaram não só ateliers de actuação de textos de Gil Vicente e de Abel Neves como também ateliers de produção e organização teatral. É de destacar também o estágio de três dias efectuado no Grupo de Teatro O Bando e ainda o exercício dirigido por Antônio Mercado a partir de texto José Mena Abrantes e de Craveirinha, tendo sido objecto de uma apresentação pública no âmbito do Congresso Internacional de Literaturas Africanas com o tema “Cinco Povos, Cinco Nações” (Universidade de Coimbra).

¹⁰ Fotografia do espectáculo Olharapos” em Anexo II

¹¹ Fotografia do espectáculo “Quem Come Quem” em Anexo II

O ponto fulcral do estágio foi, sem dúvida, o espectáculo Horácio¹², de Heiner Müller, elaborado durante a segunda metade das actividades e que juntou no seu elenco os sete estagiários com os sete actores d'A Escola da Noite. O espectáculo teve a orientação do encenador e pedagogo francês Pierre Voltz e foi assistido por Frank Manzoni. Os depoimentos de alguns dos estagiários reflectem a importância desta iniciativa para a sua formação:

“Espero que este esforço de juntar regularmente pessoas de diferentes culturas, onde cada um ensina e aprende, possa ter continuidade”, Amélia da Silva, Guiné-Bissau

“Falar deste estágio é falar de uma experiência marcante. Um trabalho corajoso de quem organiza e um presente para os artistas que viveram esse processo”, Andrea Pozzi, Brasil

“Sendo um grupo absolutamente sui generis, a fricção gerada pelas nossas diferenças culturais, sociais e ideológicas trouxe a própria ideia de conflito positivo, no sentido de aprender com a diferença, aprender olhando directo no humano”, João Ricardo, Brasil

“O Estágio foi uma experiência muito forte e enriquecedora que me ajudou a descortinar incógnitas e a abrir portas deste mundo maravilhoso que é o Teatro. Que a Cena Lusófona tenha muitos anos de vida, para que outros jovens usufruam também deste espaço”, Carla Sequeira, Cabo Verde

Quase 10 anos depois, a Cena Lusófona vem dar continuidade a este ciclo de estágios, com o projecto P-STAGE, que abordarei mais à frente. Tal como no II Estágio, o modelo adoptado inclui *workshops* nos diferentes países e a posterior construção de um espectáculo com um elenco internacional, garantindo à partida a circulação deste espectáculo pelos vários países envolvidos. À semelhança do que aconteceu no II Estágio, esta edição é realizada em parceria com A escola da Noite.

¹² Fotografia do espectáculo O Horácio em Anexo II

PARTE II - O P-STAGE- IV ESTÁGIO INTERNACIONAL DE ACTORES E AS ORAÇÕES DE MANSATA

Capítulo 3- P-STAGE

3.1. A importância do P-STAGE

O Projecto P-STAGE- Portuguese-Speaking Theatre Actors Gather Energies, liderado pela Cena Lusófona, é desenvolvido no âmbito do Programa de Apoio aos Sectores Culturais dos países ACP (ACP Cultures +), executado pelo Secretariado do Grupo dos Estados ACP e financiado pela União Europeia.

Pela primeira vez, desde a constituição deste Programa, destinado aos países de África, Caraíbas e Pacífico, uma instituição portuguesa foi seleccionada para levar a cabo um projecto da sua autoria. O contrato foi assinado a 16 de Julho de 2012.

A cerimónia de apresentação oficial do projecto realizou-se no dia 22 de Novembro de 2012, em Angola, mais propriamente no Centro de Imprensa Aníbal de Melo, em Luanda.

A iniciativa contou com a presença do Presidente da Cena Lusófona, António Augusto Barros, do Director do Elinga Teatro, José Mena Abrantes, com a presença da Ministra da Cultura, Rosa Cruz e Silva, da Directora do Centro Cultural Português de Luanda, Madalena Vilhena, e do Chefe de Secção de Educação e Saúde da Representação da União Europeia em Angola, Miguel Varela, entre outros convidados.

Relativamente aos objectivos concretos deste projecto, este visa melhorar as condições da criação artística em Angola, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, isto é, melhorar as aptidões técnicas e artísticas individuais dos participantes, reforçar as capacidades artísticas, técnicas e organizativas dos agentes culturais, bem como estimular e reforçar o papel das organizações de apoio, como os Centros de Intercâmbio Teatral, estimular o trabalho e rede entre os diferentes países e as ligações com as diferentes organizações culturais de outros países de língua portuguesa e africanos, reforçar o circuito internacional de espectáculos entre os países de língua portuguesa, dentro da área dos países ACP, no Brasil e na União Europeia e proporcionar a participação de agentes teatrais dos países ACP de

língua portuguesa em festivais internacionais, sobretudo no Brasil, Angola e São Tomé e Príncipe.

Propõe como actividade a apresentação de um espectáculo profissional com um elenco internacional em que participam actores portugueses, africanos e brasileiros; a realização de três oficinas de interpretação nos três países africanos envolvidos; três exercícios-espectáculo produzidos no final de cada uma destas oficinas; um documentário vídeo sobre todo o processo de trabalho, rodado em todos os países envolvidos; a instalação do Centro de Intercâmbio Teatral de São Tomé e Príncipe; as apresentações internacionais do espectáculo final numa digressão que inclui Portugal, Guiné-Bissau, Angola e Brasil.

Neste momento já foram concretizadas algumas actividades como é o caso das três oficinas de interpretação que tiveram início em 2012. A primeira oficina foi realizada em Angola, no Elinga Teatro de 29 de Outubro a 22 de Novembro de 2012, entre 8 de Abril e 3 de Maio de 2013 na Guiné-Bissau e, por fim, em Julho de 2013, imediatamente antes do início dos ensaios d' "As Orações de Mansata" em São Tomé e Príncipe. O programa completar-se-á com a circulação do espectáculo pelos diversos países envolvidos. Todo o processo está registado em vídeo por Luís Margalhau e Andrzej Kowalski, com o objectivo de realizar o documentário.

3.2. Parceiros, Associados e Apoios do projecto P-STAGE

O projecto P-STAGE opera na formação artística e no reforço das co-produções e digressões internacionais, sendo estas destacadas como principais prioridades.

Portanto, a Cena Lusófona convidou dois dos seus parceiros regulares: o Teatro Elinga (Angola) e a ONG Acção Para o Desenvolvimento na Guiné- Bissau para elaborar um programa que tem em conta os contextos e necessidades específicos de cada país, bem como os principais eventos como é o caso dos festivais de teatro que têm lugar em cada um deles.

Os parceiros não só têm uma grande proximidade entre si como também uma ampla experiência de trabalho em conjunto.

Em Angola, o Grupo Elinga Teatro é um dos parceiros evidentes que conta mais de 20 anos de actividade, sendo dirigido pelo encenador e dramaturgo José Mena Abrantes. É considerado o grupo mais importante do país, estando cada vez

mais próximo da profissionalização e também o mais internacional, com diversas participações em festivais no estrangeiro, em particular nos países lusófonos incluindo Brasil, Portugal e várias edições do Festival “Estação”.

O edifício sede do Teatro Elinga foi construído por portugueses no século XIX e foi considerado como “testemunho histórico do passado colonial” em 1981. Situado no centro de Luanda, é dos centros culturais mais importantes na capital angolana, com uma programação regular de música, teatro, dança e exposições que inclui produções próprias e o acolhimento de outros grupos e artistas. Os actores do Elinga são de diferentes idades, diferentes gerações que têm vindo a participar nas anteriores edições dos EIA. Em 2008, quando celebrou o seu 20º aniversário organizou o I Festival Internacional de Artes de Luanda, com participantes dos diversos países lusófonos.

Da Guiné-Bissau participa o Centro de Intercâmbio Teatral da Guiné-Bissau, instituição que opera no âmbito de uma parceria com a AD- Acção para o Desenvolvimento. Esta ONG foi fundada em 1991 e conta com um vasto leque de actividades realizadas e uma vasta experiência na gestão de fundos internacionais em diversos projectos de desenvolvimento no país.

Infelizmente, em São Tomé e Príncipe não há nenhuma companhia de teatro e é por esse motivo que a Cena Lusófona tem vindo a apoiar, juntamente com dois grupos locais Os Parodiantes da Ilha e o Cena Só, a criação duma pequena organização que – à semelhança do Centro de Intercâmbio Teatral de Bissau – possa ajudar a desenvolver o intercâmbio teatral entre São Tomé e Príncipe e os restantes países lusófonos, bem como contribuir para melhorar as condições para a criação artística. Os grupos já possuem um acervo bibliográfico e algum equipamento técnico que foi oferecido pela Cena Lusófona.

Por fim, estão ainda associados ao projecto A Escola da Noite, Teatro Vila Velha (Brasil), Centro Dramático Galego e a Companhia de Teatro de Braga.

As companhias de teatro “A Escola da Noite e o Teatro de Braga” são financiadas pelo Governo de Portugal, pela DGArtes, pela Câmara Municipal de Coimbra e pelo Município de Braga. Para além destes apoios, A Escola da Noite ainda tem o apoio do Diário de Coimbra, Rádio da Universidade de Coimbra (RUC), ConfortInn, Restaurante “O Pátio”, Ilídio Design Cabeleireiros e Cafés Delta.

Relativamente às responsabilidades de cada instituição do projecto P-STAGE o Elinga Teatro responsabiliza-se por uma parte da contribuição financeira, mas

também pela organização da oficina de interpretação de Luanda (Outubro/Novembro de 2012) e pelo acolhimento do espectáculo e da oficina de iluminação em Maio de 2014.

A Escola da Noite e a Companhia de Teatro de Braga fornecem dois actores, cada uma para o elenco do espectáculo As Orações de Mansata.

O Teatro Vila Velha responsabiliza-se por uma contribuição financeira e por dois actores do elenco do espectáculo As Orações de Mansata.

Os CIT Bissau e São Tomé colaboram na organização das oficinas nos respectivos países.

A AD – Acção para o Desenvolvimento não tem qualquer contributo financeiro; no entanto, responsabiliza-se pela organização da oficina de interpretação em Bissau (Abril de 2013) e pelo acolhimento do espectáculo e da oficina de interpretação em Bissau (Maio de 2013).

Relativamente ao financiamento, questioneei o produtor do projecto, Pedro Rodrigues que refere que para este projecto tiveram um financiamento de 498 mil euros, o que representa apenas 80% do total dos custos que o projecto implica, o que significa que tiveram que encontrar os restantes 20%, juntamente com os restantes parceiros. Destaque para o patrocínio de uma empresa privada angolana – a Multitel, sensibilizava pelo interesse cultural do projecto e pela visibilidade das actividades que ele inclui, não só em Angola como também na CPLP.

No âmbito da ACP Cultures +, a União Europeia disponibilizou para um período de quatro anos 30 milhões de euros, no quadro do programa da “África Caraíbas Pacífico Cultural Plus” para apoiar a implementação de diversas acções do ramo cultural. Perante a Ministra Rosa Cruz e Silva e outros convidados, o representante da embaixada da União Europeia em Angola, Miguel Varela afirmou que o “IV Estágio Internacional de Actores” é o primeiro projecto na área da cultura financiado pela União Europeia em Angola.

3.3. Descrição do processo formativo e a importância das oficinas realizadas ao longo do projecto

Para que um espectáculo chegue ao público é necessário todo um processo, o qual designamos processo criativo. Neste caso, dadas as especificidades do projecto este processo coincide também com o processo formativo dos actores africanos.

Este processo de formação incluiu técnicas de representação e noções básicas de dramaturgia, encenação, cenografia, iluminação e figurinos, e teve como base a utilização das peças de teatro ou textos literários de autores.

A primeira oficina realizou-se entre 29 de Outubro e 22 de Novembro de 2012, em Luanda, no espaço do Elinga Teatro, envolvendo trinta e dois jovens actores angolanos sob a direcção do actor e encenador Rui Madeira¹³. Debruçaram-se sobre a peça “Macbeth” de Shakespeare, a peça que inspirou Abdulai Sila para escrever “As Orações de Mansata”.

Dessa formação foram seleccionados três actores. Ao fazer um balanço da iniciativa, Rui Madeira refere-se ao universo de participantes na oficina *“em trinta pessoas há cinco ou seis [actores] que têm forte potencial, mais umas dez ou doze que têm que passar por um outro patamar de formação e outros que estão a errar [na profissão]”*¹⁴

A Oficina de Interpretação da Guiné-Bissau, dirigida por Cândido Pazó¹⁵ incidiu sobre o tema “Da oralidade à teatralidade” e decorreu nas instalações da ONG AD – Acção para o Desenvolvimento, no Bairro do Quelelé em Bissau, de 8 de Abril a 3 de Maio de 2013. O formador procurou estabelecer uma ponte entre a tradição da narração oral guineense e interpretação teatral. A formação culminou

¹³ **Rui Madeira**- (Santarém, 1955) é encenador e actor profissional (teatro, cinema, televisão). É director artístico da Companhia de Teatro de Braga, que fundou em 1980 no Porto sob o nome de CENA. Leccionou a disciplina de Práticas Teatrais na Escola de Educadores Sociais de Braga de 1988 a 1990 e participa regularmente como docente em acções de formação teatral. Actualmente, é professor responsável da disciplina “O Corpo e a Vontade” no Curso de Estudos Artísticos e Culturais da Universidade Católica de Braga.

¹⁴ <http://videos.sapo.pt/1deRmo0WkrpP4Oaioh7Osapoangola>

¹⁵ **Cândido Pazó** (Vigo, 1960) é actor, autor teatral, guionista de séries televisivas e encenador. Tem já inúmeros espectáculos premiados. Faz trabalho de rádio ao vivo, na rádio ou na televisão, Cândido Pazó é presença assídua em locais onde se programam todo o tipo de espectáculos orais: histórias, contos, humor, monólogos, narrações. Actuou como narrador e participou em seminários sobre a oralidade nas Universidades de Santiago, Vigo, Coimbra, Salamanca, entre outras.

com a apresentação pública de uma aula aberta no Centro Cultural Francês da capital guineense no último dia da formação.

Cerca de sessenta espectadores que assistiram à aula aberta, que teve lugar no dia 3 de Maio de 2013 e foi uma verdadeira sessão de contadores de histórias, recolhidas entre a tradição local e a história universal e contadas em português e em crioulo da Guiné-Bissau.

No dia 8 de Julho de 2013 até 2 de Agosto decorreu a terceira oficina de interpretação, dirigida por Márcio Meirelles¹⁶ com cerca de trinta actores são-tomenses, oriundos dos seis grupos teatrais de São Tomé, trabalhando algumas técnicas de estímulo e organização de improviso. Foi a partir desta oficina que dois actores são-tomenses foram seleccionados. Em simultâneo, decorria a Oficina de Iluminação (do dia 29 de Julho a 9 de Agosto), dirigida por António Rebocho¹⁷, do Centro Dramático de Évora dando-se a apresentação pública da montagem da iluminação do exercício final no dia 31 de Julho, no Pavilhão Cultural Dra. Alda Espírito Santo.

Os sete actores africanos assim seleccionados juntaram-se aos seis actores profissionais (dois actores do Brasil e quatro de Portugal). O elenco reuniu-se pela primeira vez em São Tomé e Príncipe, onde teve lugar o primeiro mês de ensaios de “As Orações de Mansata”. Ao longo deste processo, que no total durou 2 meses e meio, os actores tiveram a oportunidade de beneficiar de um programa formativo que incluiu Capoeira, Técnica da Máscara e Commedia dell’ Arte, Música e Movimento.

Para além disso, os actores foram desafiados a ensinar aos restantes algumas expressões artísticas dos seus países, difundindo uma troca efectiva de culturas.

¹⁶**Márcio Meirelles** (1954, Bahia) é director teatral, cenógrafo e figurinista, inicialmente ligado às áreas de arquitectura e Belas Artes, actua em Teatro desde 1972 e é um dos directores mais actuaes do país. É responsável pela revitalização do tradicional Teatro Vila Velha, em Salvador, também criou, em 1990, juntamente com Chica Carelli, o Bando de Teatro Olodum, grupo teatral baiano formado somente por actores <http://www.marciomeirelles.com.br/site/biografia/>

¹⁷**António Rebocho** nascido (1967) é iluminador, régisseur-geral e técnico de luz no CENDREV desde 1986, tendo sido o autor da iluminação de peças de Gil Vicente, Shakespeare, Molière, Goldoni, Garrett, Büchner, Brecht, Vinaver, Almada Negreiros e Plínio Marcos, entre outros. Trabalhou com os encenadores Fernando Mora Ramos, Figueira Cid, Gil Nave, Luís Varela, Mário Barradas, Pedro Alvarez-Ossorio, entre outros. É formador na área da iluminação para teatro, tendo realizado diversas acções de formação no âmbito das actividades do CENDREV, do Ministério da Cultura (Direcção Regional de Cultura do Alentejo), do Governo Regional dos Açores ou da Universidade de Évora, na qual leccionou a disciplina “Técnica de Montagem Cénica”, nas áreas iluminação e programação de mesas de luz (curso de Estudos Teatrais).

Diz António Augusto Barros com muito entusiasmo que *“é uma ocasião feliz e extraordinária (...) porque de repente temos 13 actores a praticar o português, a falar um português, um português que penso que será perceptível em todos os países e isso foi um dos objectivos, um dos desafios de conseguir, digamos, concertar do ponto de vista musical, concertar esta polifonia porque é realmente uma polifonia maravilhosa e se nós conseguirmos na estreia mostrar essa polifonia onde há várias musicalidades, várias formas de falar, muitas expressões próprias dos vários países africanos, do Brasil também, etc... Portanto, nós teremos conseguido vencer uma parte do desafio, mas é realmente um grande desafio ao qual se acrescentam outros desafios ainda porque é a primeira peça que se escreve e edita na Guiné-Bissau “As Orações de Mansata”, de Abdulai Sila”*¹⁸

A segunda fase de ensaios teve início a 3 de Setembro, em Coimbra, no Teatro da Cerca São Bernardo e incluiu uma Oficina de Máscara, dirigida por Filipe Crawford¹⁹ de 12 de Setembro que teve como objectivo fornecer instrumentos de representação aos actores e familiarizar os actores brasileiros e africanos com esta tradição do teatro europeu incluiu ainda os trabalhos de música e de coreografia dirigidos pelos formadores brasileiros Jarbas Bittencourt e Zebrinha, respectivamente, entre 17 de Setembro e 02 de Outubro e entre 12 e 18 de Outubro apenas com Jarbas Bittencourt.

Ainda no capítulo da formação, houve uma Oficina de Dramaturgia Brasileira de 21 a 26 de Outubro, dirigida pela professora Silvana Garcia²⁰ em que foram abordadas obras relacionadas com o teatro contemporâneo brasileiro que se inserem na abordagem que A Escola da Noite vem fazendo à dramaturgia brasileira contemporânea, como é o caso de O Abajur Lilás, Novas diretrizes em tempo de paz, etc”

¹⁸ Entrevista a António Augusto Barros conduzida por Manuel Portugal para reportagem da RTP, no dia 16 de Outubro de 2013. [Imagens de Luís Margalhau / Cena Lusófona]

¹⁹ **Filipe Crawford** (16 de Maio de 1957, Lisboa) é um actor português que tem vindo a participar em várias séries televisivas, mas é no teatro que tem estado mais envolvido, principalmente através da sua produtora, Filipe Crawford Produções Teatrais. O actor é especialista na técnica de teatro com máscara.

²⁰ **Silvana Garcia** (São Paulo, 1951) é doutorada em Artes Cénicas pela Universidade de São Paulo (USP), onde é professora desde 1987 e onde dirigiu a Escola de Arte Dramática e coordenou o Programa de Pós-Graduação do Departamento de Artes Cénicas. Foi professora convidada em cursos de especialização e pós-graduação em Universidades de outros estados brasileiros.

Capítulo 4- As Orações de Mansata

4.1. Trabalho de produção de uma peça de teatro

“As Orações de Mansata” é o mais recente espectáculo d’ A Escola da Noite, realizada em co-produção com a Cena Lusófona. Envolveu uma equipa numerosa de criadores e técnicos que trabalhou arduamente para que esse projecto se concretizasse. Toda a construção duma peça de teatro tem fases de produção, mas antes de analisarmos este espectáculo em concreto é necessário definir produção teatral.

Por produção teatral podemos entender o trabalho de preparação e execução das condições necessárias para que uma ideia, um projecto de teatro, se materialize e chegue ao público em forma de espectáculo.

Jesus F.Cimarro defende a ideia de que produção é a transformação em realidade de um texto dramático, sendo que esta transformação é dirigida a um determinado público. Entendendo que todos os projectos são diferentes mas que, no entanto, têm algo em comum: um conjunto de pessoas a trabalhar para o concretizar, afirma que produzir é criar e define os resultados que surgem dessas criações como sendo obras de um artífice a que chama de produtor-criador. Cabe ao produtor- criador a tarefa de definir todos os critérios de produção que irão, do seu ponto de vista, transformar o projecto em produção ou criação teatral²¹.

O produtor é aquele que, ao ter a iniciativa de realizar um projecto teatral, assume também responsabilidades, nomeadamente financeiras e artísticas. A estas funções juntam-se as de gestor, uma vez que cabe ao produtor a obrigação de seleccionar e acolher projectos teatrais e, tendo sempre em vista a opinião do público, planeá-los, comercializá-los, implementá-los e controlá-los.

Na actividade teatral o trabalho é desenvolvido conjuntamente, devidamente planificado por funções e responsabilidades artísticas e administrativas.

Cabe ao director de produção a tarefa de planejar a produção, estabelecer os contactos entre a equipa e administrar financeiramente o projecto e do produtor executivo de providenciar as condições e materiais de que o projecto requer, as necessidades da montagem técnicas e artísticas. A planificação inicial do trabalho, a

²¹ Mendes, Conceição (2007), Manual de Produção Cultural, Colecção Teatro Inatel: Lisboa

chamada pré-produção, é realizada pelo director de produção. Desta resultam os contactos e contratações de autores, criativos e técnicos necessários, a obtenção de direitos de representação, a planificação e calendarização dos trabalhos gerais até à estreia do espectáculo, a elaboração de guiões, aquisição de materiais, etc.

Relativamente ao orçamento é imprescindível fazer o levantamento dos valores que implica a produção. Assim que estejam calculados os custos para a realização do espectáculo, captam-se os recursos, tarefa que pode ser feita através de pedidos de apoios, ou do investimento de empresas ou instituições em permuta de promoção do investidor.

Numa segunda fase, após estar decidido o planeamento do projecto, parte-se para a fase da produção. Esta envolve, no mínimo, três fases, chamemos-lhes assim, embora nem sempre se distingam cronologicamente umas das outras, desenvolvendo-se diversas vezes em simultâneo, dependendo das características técnicas, estéticas e logísticas dos espectáculos. Pode então, dividir-se esta segunda fase em três fases distintas:

- a) A montagem abarca todo o processo de construção das diversas secções técnicas desde adereços, cenografia, guarda-roupa até à sua instalação e integração conjunta no espaço cénico, definida já no trabalho de ensaio;
- b) Os ensaios constituem o processo iniciado com a leitura de texto. Na fase final, é necessário conjugar o trabalho de actor com todos os elementos construídos vindos da montagem, a que se vêm juntar outros elementos técnicos e artísticos, como os que provêm da luz e do som;
- c) A exibição abarca todo o processo preparatório do lançamento do espectáculo, como a planificação da promoção, publicidade e vendas de bilhetes, até à recepção (venda de programas, assistência, serviço de apoio, etc.)

A pós-produção envolve não só os trabalhos mais práticos de desmontagem e armazenamento, ou devolução, em caso de empréstimo, dos diversos materiais (cenografia, guarda-roupa, adereços, luminotecnica, sonoplastia, etc.), como também os trabalhos mais administrativos, tais como contabilização das receitas de bilheteira, balanço dos custos orçamentais do projecto, elaboração dum relatório da actividade para as entidades apoiantes, entre outros.

Só após a execução de todos estes processos/ fases é possível a criação e a materialização de uma ideia num projecto teatral. É o profissionalismo na execução destas fases que irá permitir a adesão e a qualidade do espectáculo.

Na actividade teatral o trabalho é desenvolvido conjuntamente, e falando especificamente da equipa d'A Escola da Noite, o processo de preparação foi realizado por diversas pessoas, isto é, toda a equipa fez um pouco de tudo. Não há tarefas específicas para determinada pessoa, sendo elas distribuídas de acordo com as disponibilidades de cada um em cada momento. Como é o exemplo da actriz Maria João Robalo (que não integrava o elenco "As Orações de Mansata"), que trabalhou a par comigo na construção de pendões com o intuito de divulgar a peça "As Orações de Mansata".

4.2. A Peça "As Orações de Mansata"

"As Orações de Mansata" é uma adaptação de Macbeth, de William Shakespeare, porém ajustada à realidade africana, com respeito à temática, personagens, conteúdo e forma. A obra de Abdulai Sila²² é a primeira peça escrita para teatro da Guiné-Bissau e cuja acção decorre no período pós-colonial. Aliás, é das primeiras peças escritas depois da Independência em toda a África.

Esta peça, surge dum "desafio" que António Augusto Barros, presidente da Cena Lusófona, fez a Abdulai Sila, considerando que os seus romances "tinham bastante teatralidade"²³, por consequência disso, o texto acabou por ser editado em 2007 e daí brotou a peça "As Orações de Mansata".

É importante fazer o paralelismo entre Shakespeare e Abdulai, pois na peça de Shakespeare as personagens principais são thanes, que sendo nobres tinham ligação à Casa da Escócia. Na peça de Abdulai Sila, os equivalentes aos nobres da antiga monarquia da Escócia são ministros, chamados de conselheiros,

²² **Abdulai Sila**- (Catió, Guiné-Bissau, 1958) é formado em Engenharia Electrotécnica pela Universidade de Dresden, na Alemanha. Dedicou-se ao estudo das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), tornando-se empresário nesta área, onde desempenhou um papel pioneiro no desenvolvimento e difusão das TIC na Guiné-Bissau. Foi co-fundador do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas), do GREC (Grupo de Expressão Cultural, da revista cultural Tcholona e da primeira editora guineense, a Ku Si Mon.

Tem três romances editados: "Eterna paixão" (1994); "A Última Tragédia (1995) e "Mistida" (1997). Para além dos contos e artigos em várias publicações internacionais. Publicou recentemente a sua segunda peça "Dois Tiros e Uma Gargalhada", que apresenta como o segundo momento de uma trilogia "As Orações de Mansata", tendo sido condecorado pelo Governo Francês com o grau de Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras.

²³ Tem três romances editados: "Eterna paixão" (1994); "A Última Tragédia (1995) e "Mistida" (1997). Para além dos contos e artigos em várias publicações internacionais. Publicou recentemente a sua segunda peça "Dois Tiros e Uma Gargalhada", que apresenta como o segundo momento de uma trilogia "As Orações de Mansata", tendo sido condecorado pelo Governo Francês com o grau de Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras.

responsáveis para vários assuntos identificados satiricamente. Um deles como Amambarka, o mais ambicioso procurador de poder, que é apresentado como conselheiro para assuntos de *tchumul-tchamal* (confusão e desordem).

Em Macbeth entre as personagens que não fazem parte da nobreza encontram-se sete bruxas, sendo que uma era a rainha das bruxarias, e três fantasmas. Estas personagens são do mundo sobrenatural e actuam em interacção com as personagens que agiam nas realidades sócio- políticas da monarquia. No caso d’*“As Orações de Mansata”* os que se aproximam ao mundo sobrenatural são os três videntes. Para além desses profetas ainda existem três katanderas e três talibés que actuam como membros de cultos religiosos. No mundo sobrenatural encontram-se também Kemburema e Mansata²⁴. Em Macbeth o jogo das ilusões contribui muito para o desenrolar da acção, temática e esteticamente patente nessa peça. E em *“As Orações de Mansata”* trata-se da justaposição do mundo secular e do mundo religioso/espiritual. Os conflitos entre personagens resultam de diálogos em que estas recorrem a um calão e mesmo a uma linguagem rude e, por vezes, até mesmo obscena.

Citando António Augusto Barros *“(…) é a primeira peça que fala (embora partindo da obra de Shakespeare, Macbeth) da realidade da Guiné-Bissau que é uma realidade muito especial, muito complexa de que nós só ouvimos falar de alguns efeitos. É um povo que está dominado por um gang de militares ou político ou militar que vai fazendo golpes sucessivos e que tem um descaso completo pelo povo, pelo país, pelo que é a sua riqueza pública, portanto, fala da Guiné Bissau, mas que nós espectadores facilmente poderemos estender a outras realidades quer naquela região africana, quer noutras regiões de África (...) porque os esquemas de corrupção, a questão da luta pelo poder com diversas gradações regista-se em qualquer ponto do mundo e, portanto, o Abdulai Sila, falando da Guiné Bissau, conseguiu realmente uma visão universalista para esta peça. (...) Ele [Abdulai Sila], que esteve no meio das discussões, era jovem na independência (...) e que viveu todas essas utopias de construir um país novo, um país liberto (...) dá-nos esta dimensão especial e, nós podemos vendo esta peça, problematizar aquele país e o seu fundo cultural e eu acho que esta é uma das questões a que nós devíamos dar*

²⁴ Cujo nome figura no título da peça que é qualificada como uma espécie de feiticeira sendo para muitos a sua existência puro mito; no entanto, para outros desempenha um papel misterioso e espiritual com respeito ao poder cedido através das orações ao conselheiro que sonha ser o Supremo Chefe da Nação.

*a maior importância, nós portugueses, nós cidadãos da comunidade dos países de língua portuguesa porque muito facilmente nós nos esquecemos deste lado da polifonia e a polifonia não é só ao nível dos “falares” português, é uma polifonia cultural, isto é, cada país destes está inserido numa região e tem uma determinada cultura como é muito evidente na Guiné-Bissau e importa-nos muito conhecer essa cultura, como importa conhecer cada uma das culturas dos países em cena na CPLP”.*²⁵

*“É um texto de leitura universal, que espelha a realidade africana, a instabilidade política e a corrupção esmagadora e chocante”*²⁶

Não há dúvida nenhuma que tanto na sua forma como no seu conteúdo “As Orações de Mansata” acabam por contribuir não só filosoficamente, como também social e artisticamente para entendermos a realidade do mundo em que vivemos hoje em dia. Serve de crítica social, suportada de ironia e bom humor; a traição, a corrupção, a tortura e a morte são reduzidos à vulgaridade.

Esta é das mensagens mais fortes e fundamentais da peça - a desconstrução do poder e dos vícios que, embebida em humor, pretende desafiar o espectador à reflexão.

Relativamente à análise crítica da peça, e no que diz respeito à cenografia, o espaço apresentou ao longo do espectáculo diferentes cenários, uma imagem projectada na tela com a imagem dum poilão²⁷; as diferentes casas de Amambarka, projecção em tempo real no momento em que o Amambarka está a sonhar.

A iluminação e o som estão presentes em todo o espectáculo, visto que criam atmosferas e são um instrumento fundamental para a encenação; onde se recorre muita vez ao som de tiros, a banda sonora original, música ao vivo e carrinhos de mão. Estava patente, a música africana, pois esta tem uma função fundamental na acção, uma vez que o espectáculo pretende passar uma mensagem de um país africano.

Os figurinos são pertinentes, pois têm um valor simbólico significativo como têm a função de caracterizar as personagens. Daí, os actores mudarem de figurinos ao longo do espectáculo, de acordo com a personagem que iriam encarnar, sendo disto exemplo o papel do Igor Lebreaud que fazia papel de talibé (Kamala Djonko) e

²⁵ Entrevista a António Augusto Barros conduzida por Manuel Portugal para reportagem da RTP, no dia 16 de Outubro de 2013. [Imagens de Luís Margalhau / Cena Lusófona]

²⁶ in Agência Lusa-Sapo Notícias, 16 de Setembro de 2013

²⁷ é uma árvore de grandes dimensões, tradicionalmente considerada a morada dos espíritos

de conselheiro (Kudjidu) e, portanto, havia necessidade de mudar de figurino. A versatilidade dos actores é notável, pois conseguiram com grande sucesso encarnar duas a três personagens num espectáculo com a duração de duas horas e meia.

Toda a peça foi muito bem conseguida, não só pela prestação dos actores, como todo o ambiente envolvente, desde a cenografia, banda sonora e todos os adereços “colocados” em cena.

4.3. Direcção Artística

Um espectáculo de teatro tem como base, na maior parte dos casos, um texto dramático, elaborado por um dramaturgo.

É por vezes sentida a necessidade de actualizar ou alterar partes do texto, seja para torná-los menos longos, seja para actualizar a linguagem, seja para apresentá-los ao público a que o espectáculo é destinado de forma a tornar-se mais compreensível.

O encenador é aquele que cria, utilizando os meios que tem ao seu dispor na cena, um equivalente teatral do texto escrito pelo dramaturgo. O encenador tem a tarefa de definir as linhas de força do projecto que se propõe a apresentar, de acordo com as suas concepções estéticas e com a visão que tem da sociedade em que ele, e o público a que o espectáculo se destina, estão inseridos.

No caso específico do espectáculo “As Orações de Mansata”, Abdulai Sila foi o dramaturgo e António Augusto Barros²⁸ o director artístico e encenador. Enquanto director artístico, António Augusto Barros seleccionou a equipa criativa que o acompanhou e que trabalhou em parceria com ele: são eles os cenógrafos, a figurinista, compositor musical e o coreógrafo.

João Mendes Ribeiro e Luísa Bebiano²⁹, arquitectos de profissão foram os que a partir das linhas de força do projecto definido pelo Encenador, criaram todo o envolvimento cénico, isto é, o espaço onde actores representaram, e criaram a atmosfera que envolve os espectadores (a estrutura de madeira, adereços, carro de mão, etc..)

²⁸ Currículum de António Augusto Barros em Anexo III

²⁹ Currículum de João Mendes Ribeiro e Luísa Bebiano em Anexo III

Relativamente à figurinista, Ana Rosa Assunção³⁰, teve a função de desenhar os figurinos que foram base do guarda-roupa a vestir pelos actores.

Como director musical trabalhou com ele o Jarbas Bettencourt³¹, responsável pela composição da banda sonora, um elemento fundamental num espectáculo teatral.

E, por fim, o Zebrinha³² que é bailarino de profissão e coreografo auxiliou o encenador na marcação da movimentação dos actores e encarregou-se da coreografia.

4.4. Elenco

Foram 13 os actores que juntos trabalharam durante três meses com objectivo final de representar o espectáculo “As Orações de Mansata”.

Como já foi referido anteriormente, foi constituído a partir da selecção dos actores que participaram nas Oficinas realizadas nos três países africanos (Angola, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe), que se juntaram a 6 actores profissionais (dois são de companhias de teatro brasileiras e quatro companhias portuguesas).

De Angola foram seleccionados Marleny Musa³³, Emílio Lucombo³⁴ e Paulo Figueira³⁵.

Na segunda oficina, na Guiné-Bissau, foram seleccionados dois actores: Jorge Biague³⁶ e Trindade Gomes da Costa³⁷.

Em São Tomé e Príncipe, após a Oficina dirigida por Márcio Meirelles, foram seleccionados os dois últimos actores, Amador Fernandes³⁸ e Wilson Sousa³⁹.

Ao elenco africano juntaram-se dois actores brasileiros, Elane Nascimento⁴⁰ e Ridson Reis⁴¹ do Bando do Teatro Olodum, sediada em Salvador da Bahia; e quatro actores portugueses sendo que dois eram da companhia de Teatro Braga, Solange

³⁰ Curriculum de Ana Rosa Assunção em Anexo III

³¹ Curriculum de Jarbas Bettencourt em Anexo III

³² Curriculum de Zebrinha em Anexo III

³³ Curriculum da actriz Marleny Musa em Anexo IV

³⁴ Curriculum de Emilio Lucombo em Anexo IV

³⁵ Curriculum de Paulo Figueira em Anexo IV

³⁶ Curriculum de Jorge Biague em Anexo IV

³⁷ Curriculum de Trindade Gomes da Costa em Anexo IV

³⁸ Curriculum de Amador Fernandes em Anexo IV

³⁹ Curriculum de Wilson Sousa em Anexo IV

⁴⁰ Curriculum de Elane Nascimento em Anexo IV

⁴¹ Curriculum de Ridson Reis em Anexo IV

Sá⁴² e Rogério Boane⁴³ e dois actores d' "A Escola da Noite", Igor Lebreaud⁴⁴ e Miguel Magalhães.⁴⁵

O elenco completo reuniu-se pela primeira vez em Agosto, em São Tomé e Príncipe. Após o primeiro mês de trabalho, o grupo veio para Coimbra, onde decorreu a fase final de ensaios. Ao longo deste período de dois meses e meio, puderam juntos beneficiar de mais formações, em áreas como Capoeira, Técnica de Máscara e Commedia dell'Arte, Música e Movimento.

No fundo, a diversidade de actores enriqueceu a peça *"e não seria possível fazer este espectáculo doutra forma"*⁴⁶, refere Pedro Rodrigues. O espectáculo começa na forma como se compõe um elenco internacional e seria outro espectáculo, seria outra coisa radicalmente diferente se fosse feita com actores de um mesmo país, porque, de facto, o que faz desta peça ser interessante é o cruzamento destas experiências. E a experiência foi uma constante, isto é, até ao último espectáculo, quer sejam os actores, quer seja o público, *"aprenderam e recolheram frutos dessa troca de experiências e serão sempre confrontados com essas diferenças e são essas diferenças que não nos separam, pois essas diferenças enriquecem"*. Para eles, foi uma mais-valia pois tiveram a oportunidade de mostrar o seu valor, mas para isso, foi necessário muito esforço e muito trabalho; tiveram a sorte de se cruzarem com pessoas tão diferentes e com experiências tão distintas e de aprenderem uns com os outros. É um dos objectivos fundamentais da Cena Lusófona e foi um dos factos que engrandeceu muito este espectáculo.

⁴² Curriculum de Solange Sá em Anexo IV

⁴³ Curriculum de Rogério Boane em Anexo IV

⁴⁴ Curriculum de Igor Lebreaud em Anexo IV

⁴⁵ Curriculum de Miguel Magalhães em Anexo IV

⁴⁶ Bem- Vindos, programa do canal RTP África

4.5. Produção da peça “As Orações de Mansata”

Como já foi referido anteriormente, houve três oficinas, sendo que a primeira se realizou em Angola, a segunda na Guiné-Bissau e a última em São Tomé e Príncipe. Elas serviram para seleccionar os treze actores como refere Pedro Rodrigues: *“As oficinas foram sempre acompanhadas pelo António Augusto Barros que viria a ser o encenador do espectáculo final e, portanto, ele acompanhou todos os processos das oficinas e foi conhecendo os actores. É claro que havia um critério do qual não podíamos fugir que eram as exigências do elenco da própria peça (...) onde há muito mais homens do que mulheres e isso foi uma das condicionantes (...) no teatro, na composição de elencos isso acontece sempre e os actores foram escolhidos pelo cruzamento de dois critérios: pela sua prestação nas oficinas e pelas necessidades de elenco, mas foi sempre muito explicado e compreendido pelas pessoas que ficaram de fora, muito bons actores e muito boas atrizes que não podiam entrar no espectáculo, não havia possibilidade de escolhermos todos os que queríamos.”*

O elenco reuniu-se em Agosto na cidade de São Tomé, onde cumpriu a primeira fase dos ensaios. No dia 31 de Julho de 2012, como uma forma de agradecimento às instituições e ao público pelo acolhimento prestado ao longo de dois meses, despediram-se com uma sessão de leitura da peça “As Orações de Mansata”, no Pavilhão Alda Espírito Santo do Liceu Nacional de São Tomé e Príncipe.

A segunda fase de ensaios decorreu em Coimbra, a partir de 3 de Setembro de 2013, e incluiu uma Oficina da Máscara⁴⁷ com Filipe Crawford.

A estreia aconteceu no dia 17 de Outubro do mesmo ano, no Teatro da Cerca São Bernardo. Um espectáculo longo (de 2h30m) e muito bem recebido pelo público em geral.

Segundo o encenador, António Augusto Barros *“é um espectáculo muito físico, muito corporal, que exigiu muito dos actores a esse nível e depois foi feito todo um trabalho a partir daí, mas a convocação deste trabalho pelo texto, pelas palavras, pelo trabalho sobre a língua foi fundamental. O ideal era que ele fosse entendido em cada sítio, ouvido com atenção, porque também são precisos ouvidos*

⁴⁷ Fotografia em Anexo V- Oficina da Máscara

atentos, ouvidos disponíveis para as várias músicas porque realmente é uma polifonia extraordinária com treze actores em cena com estas diferentes musicalidades a assumir a língua portuguesa e, como diz, Marleny Musa: “É uma salada russa, cada um com o seu sotaque”; já a Solange Sá refere que “as pessoas têm sotaques tão variados que isto é uma sinfonia, todos os dias”

Relativamente a todo o trabalho realizado, António Augusto Barros afirma que *“trabalharam não apenas o texto, os seus significados, toda a sua mecânica, mas também o trabalho físico do actor que é fundamental. Trabalharam num regime muito intensivo, de 6 horas por dia, no mínimo, um regime muito profissional”*.⁴⁸

4.6. O espectáculo e recepção do público

Depois de dois meses e meio intensos de ensaios, chegou o dia da estreia. Dia 17 de Outubro vai ficar, certamente, na memória dos actores, da equipa técnica e do público, em geral.

Um espectáculo com a duração de 2h30minuto e para um público com idade superior a 12 anos.

Para a divulgação deste espectáculo foram distribuídos flyers, cartazes⁴⁹, convites⁵⁰.

Na bilheteira estava a Colecção de Teatro editado pela Cena Lusófona, onde se encontrava o livro de Abdulai Sila, “As Orações de Mansata” para quem estivesse interessado em o adquirir, para além dos livros havia o programa do espectáculo e a folha de sala⁵¹, onde muitas das expressões usadas no espectáculo estavam traduzidas para uma melhor compreensão.

A sala de espectáculo do Teatro da Cerca de São Bernardo estava cheia, como não seria de esperar outra coisa.

Depois das sessões em Coimbra, fizeram quatro espectáculos em Braga, no Teatro Circo de Braga, nos dias 31 de Outubro, 1, 2 e 3 de Novembro; dois espectáculos em Évora, no Teatro Garcia de Resende, dias 8 e 9 de Novembro e um espectáculo no Teatro de Montemuro, em Campo Benfeito, dia 15 de Novembro.

⁴⁸ in página global: São Tomé e Príncipe: países lusófonos unidos em peça de teatro, 28/11/2013

⁴⁹ Cartaz em Anexo VI

⁵⁰ Convite em Anexo VI

⁵¹ Folha de Sala em Anexo VI

Nesta primeira fase da exploração do espectáculo (ele viria a ser resposto em 2014, já depois de concluído o meu estágio), foram apresentadas 17 sessões, às quais assistiram 944 espectadores. Em relação às 10 sessões apresentadas em Coimbra, registaram-se 242 espectadores pagantes e 318 convidados.

O espectáculo desenvolve-se à volta da busca d' As Orações de Mansata que supostamente darão aos seus detentores os poderes necessários para dominar o povo, remetendo para o contexto histórico do país em questão, Guiné Bissau. Uma das principais satisfações era a recepção do público. A equipa estava na expectativa: De que forma é que o público ia reagir à própria peça e à diversidade dos "portugueses" existentes nela?

Pedro Rodrigues, produtor da Cena Lusófona refere que *"esse [facto] foi um dos desafios à própria construção do espectáculo e isso foi muito trabalhado, pois todos falavam português, mas há outros que falam português, mas um português diferente", para a equipa isso não era nenhum obstáculo, pelo contrário, era um desafio, ultrapassado com trabalho, "(...) sem perder a diversidade e do que é específico de cada uma destas maneiras de falar o português". É claro que, isso podia ser facilmente entendido em todos os países e, portanto, todos os actores (incluindo os portugueses), tiveram que ter [isso] em conta enquanto estão a fazer o espectáculo e ter alguns cuidados especiais. Alguns cuidados técnicos que tem que ser trabalhados e pensados, para que o público pudesse entender a mensagem*⁵², sem nunca anular a riqueza e essa diversidade que é de ter a polifonia em palco. Esse foi, sem dúvida, um dos grandes trabalhos para que o público o conseguisse entender e foi conseguido.

A opinião do público, em geral foi positiva, referindo ter sido *um excelente espectáculo com um excelente texto, música, actores e coreografia de cena; projecto memorável; a lusofonia e a Guiné-Bissau de mãos dadas no engrandecimento da cultura africana. Parabéns Abdulai Sila*, por Sana Cante; muitos parabenizaram toda a equipa, pois tinham feito um óptimo trabalho⁵³; referência também a António Augusto Barros por ter captado a mensagem de Abdulai Sila com maestria.

⁵² Programa Bem-Vindos do canal RTP África

⁵³ Opiniões publicadas na página do facebook d'A Escola da Noite

PARTE III- O ESTÁGIO

Capítulo 5- Estágio e actividades realizadas

5.1. O Estágio

No decorrer de uma conversa inicial com Pedro Rodrigues, produtor da companhia e orientador de estágio foram estabelecidas as metas a atingir de uma forma geral, assim como as tarefas a desempenhar. Mais tarde, foi-me enviado um *e-mail* com todos os detalhes para melhor compreender o que iria ser feito ao longo dos três meses de estágio.

No primeiro dia de estágio, 3 de Setembro de 2012, teve início o meu estágio n'A Escola da Noite e foram-me apresentadas as instalações, desde o escritório onde iria passar a maior parte do tempo, os camarins, a oficina, o sub-palco, a régie e todos os outros espaços que compõem o Teatro da Cerca de São Bernardo. Ao longo do dia fui conhecendo os membros que constituem a Companhia, desde a equipa de produção, à equipa criativa e técnica.

Não só fiquei surpreendida com as excelentes instalações, edifício moderno com toda uma decoração fantástica, local onde me senti e continuo a sentir bem, como também com os seus elementos, pois proporcionaram um ambiente óptimo de trabalho, onde predominava o espírito de entre ajuda.

À medida que ia analisando o local e as pessoas à minha volta fui-me apercebendo que tinha encontrado um ambiente com que nunca me tinha deparado até então, pois tendo esta companhia 22 anos de existência, as relações já não se baseiam apenas nos temas laborais, havendo tempo para descontrair também, o que é fundamental para a produtividade em qualquer área.

Para além da montagem e estreia d'"As Orações de Mansata", A Escola da Noite prosseguiu durante os meses em que decorreu o meu estágio com a programação regular do Teatro da Cerca de São Bernardo.

Logo, na primeira semana o TCSB deu início à temporada 2013-2014, começando com uma proposta para o ar livre. O Teatro das Beiras trouxe ao Pátio da Inquisição, no dia 6 de Setembro, o espectáculo "Farsas per Musica", de Carlo Goldoni, com entrada gratuita.

Foi nesta temporada que a magia se estreou no palco do Teatro da Cerca de São Bernardo, graças à parceria com o Luís de Matos, que começou por nos apresentar o Joshua Jay, integrado no programa do 17º Festival Internacional de Magia de Coimbra. Este, apresentou no dia 18 de Setembro, o espectáculo UNREAL.

Do dia 21 ao dia 26 de Outubro decorreu uma Oficina de Dramaturgia Brasileira orientada pela Silvana Garcia a qual acompanhei do início ao fim. No âmbito da exploração da dramaturgia brasileira contemporânea que vem fazendo, A Escola da Noite convidou a professora Silvana Garcia para regressar a Coimbra e orientar uma oficina de divulgação e discussão do teatro que actualmente se escreve e representa no Brasil. O objectivo foi oferecer uma visão panorâmica da produção dramática da cena brasileira contemporânea, tomando como período de referência as três últimas décadas. Os trabalhos assentaram não só em leituras dirigidas e na análise crítica da obra de alguns dos principais autores deste período, Bosco Brasil, Aimar Labaki, Mário Bortolotto, Fernando Bonassi, Sérgio Roveri, Newton Moreno, Daniela Pereira de Carvalho, entre outros, como também no estudo das diferentes abordagens do texto em cena, considerando os processos colaborativos entre colectivos e escritores.

Neste sentido, foram analisados e discutidos espectáculos de companhias como Teatro da Vertigem, Companhia Vértice, Oi Nois Aqui Traveiz, Grupo XIX de Teatro, Satyros e Oficina.

Na passagem de Outubro para Novembro acaba em galego a Mostra de Teatro Galego: no dia 30 de Outubro foi apresentada “Rosalía: Os cantares das Musas”, pelo Sarabela Teatro. No segundo dia da Mostra de Teatro Galego, A Escola da Noite recebe o Teatro do Noroeste e o Centro Dramático Galego, com “Touporroutou da lúa e do sol”, de Roberto Vidal Bolaño. Muita música, muita cor e movimento num espectáculo para todos os públicos, incluindo os mais pequenos. Nos dias 1 e 2 de Novembro, o Teatro do Atlântico e o Teatro do Morcego apresentaram os espectáculos “A Charca Inútil”, de David Desola, e “A función do Tequila”, de Manuel Guede Oliva. A iniciativa insere-se no programa de intercâmbio entre Portugal e a Galiza “Troco x Troco”, recentemente celebrado entre a Cena Lusófona e a AGADIC – Axencia Galega das Industrias Culturais.

Entre 7 e 9 de Novembro, A Escola da Noite acolheu o Ciclo “Coimbra in Motions”, organizado pela Câmara Municipal de Coimbra. Para além das mesas-

redondas e do concurso “Novas vistas Lumière”, o programa ofereceu ao público a possibilidade de assistir gratuitamente a filmes portugueses como “Aquele querido mês de Agosto”, de Miguel Gomes, “Terra Sonâmbula”, de Teresa Prata, “Pósfácio nas Confeções Canhão”, de António Ferreira, e “Dios por el Cuello”, de José Trigueiros.

Em Novembro, teve lugar o “Ciclo de Cinema (Ir)realidades” sobre a doença mental, organizado pela Associação Portuguesa de Internos de Psiquiatria (APIP) e foi dada a oportunidade única para ver e debater em Coimbra quatro filmes difíceis de encontrar no circuito comercial português. As três sessões tiveram lugar nos dias 11, 18 e 25 de Novembro com entrada gratuita. No dia 11 de Novembro, foi projectado o filme “Oslo, 31 de Agosto”, do norueguês Joachim Trier e no segundo dia, “Clean, Shaven”, do norte-americano Lodge Kerrigan. No último dia e para encerrar o ciclo foram projectados “Síndrome de Stendhal”, de Patrick dos Santos e o “Teatro de Sonhos”, de Rui Simões. Os comentários ficaram a cargo dos psiquiatras Dr. Morgado Pereira e Dr. Gamito. Entre os comentadores dos filmes escolhidos estão psiquiatras conceituados como Carlos Braz Saraiva e Pio de Abreu, entre outros.

Ainda em Novembro, a programação do TCSB incluiu o Festival de Tunas Femininas “Canto da Sereia”, organizado pel’As Mondeguinas, que atingiu em 2013 a sua XX edição. Teve lugar com entrada gratuita.

No primeiro sábado de cada mês (Outubro e Novembro) teve lugar no bar do TCSB a iniciativa “Flores de Livro” – leitura de contos para a infância”, dirigida pela animadora sócio-educativa Cláudia Sousa.

As minhas actividades enquanto estagiária acompanharam os trabalhos da companhia tanto no processo de criação/produção que estava em curso quanto em relação à programação do TCSB. Podem ser agrupadas em três áreas fundamentais: divulgação, montagem, administração e frente-de-casa.

5.2 Breve descrição das actividades realizadas

5.2.1. Divulgação

Os ensaios d’*“As Orações de Mansata”* já estavam a decorrer e a divulgação tinha de ser reforçada.

Comecei, então, por fazer uma pesquisa das Associações Lusófonas sediadas em Coimbra, inclusive Associações de Estudantes Lusófonos (Associação de Estudantes Angolanos, Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros em Coimbra, Associação de Estudantes Cabo-Verdianos em Coimbra, Organização de Estudantes da Guiné Bissau em Coimbra, Casa de Moçambique-MOCIMBRA, Associação de Santomenses em Coimbra, Académicos Timorenses de Coimbra, IUNA+Lusofonia, Secção de Culturas Lusófonas, Casa de Angola, Casa Lusófona, Associação Lusófona para o desenvolvimento do Conhecimento) com os respectivos nomes do representante, contactos telefónicos, *e-mail* e moradas de cada associação para que lhes pudesse falar da peça, comunicar a estreia e os respectivos descontos. Tive algumas dificuldades em fazê-lo: ou porque muitos ainda não tinham regressado dos seus países de origem, ou porque estavam incontactáveis, ou porque teria havido eleições há pouco tempo e os presidentes já não seriam membros da direcção e também não estavam em Portugal; enfim, tive que dar a volta à situação e para ultrapassar esse obstáculo fui falar directamente com a Dra. Ana Luísa Campos, do Gabinete de Apoio ao Estudante da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (da Universidade de Coimbra) para que me fornecesse alguns dados. Deu-me conhecimento de que algumas associações que já não estariam a funcionar e que outras estariam para reabrir. No entanto, parte da informação foi importante para dar início aos telefonemas; depois do contacto móvel seguiu o envio de *e-mails* para melhor explicar no que consistia a peça. Em alguns casos, estando a ser difícil o contacto móvel, procurei a conversa pessoal com membros de algumas associações, pois a comunicação via telefone estava a ser complicada.

Para além de ter enviado *e-mails*, de ter feito distribuição de flyers, essencialmente na alta da cidade de Coimbra, também fiz a divulgação no facebook,

pois as redes sociais são também um modo de promoção, captando o maior número de espectadores.

Para além disso, fiquei incumbida de pintar as faixas de promoção do espectáculo “As Orações de Mansata”. Depois de feitas as ampliações, comecei por desenhar as letras para o tecido sempre com a ajuda da actriz Maria João Robalo.

Foram no total quarenta pendões que me fizeram ocupar parte do tempo até ao dia da estreia do espectáculo, que no final acabaram por dar um aspecto diferente à cidade de Coimbra, pois estavam distribuídas por diversos pontos-chave, locais por onde há maior afluência de pessoas.

Nas vésperas da estreia d’“As Orações de Mansata” tratei da impressão de algumas reservas de bilhetes para o espectáculo.

Ainda relativamente às “Orações de Mansata”, distribuí convites pelos vizinhos da Companhia, que na sessão da tarde de Domingo tinham direito a assistir à peça: essa é uma forma de aproximar a vizinhança e um pretexto para essas pessoas irem mais vezes ao Teatro da Cerca de São Bernardo.

Para a edição do dia 5 de Outubro de “Flores de Livro” foram enviadas cartas para as creches da zona de Coimbra. Tratou-se de uma sessão temática, com contos africanos, em articulação com a peça “As Orações de Mansata”. Colaborei no envio dos cartazes por correio para estas instituições.

Para a Oficina de Silvana Garcia, recolhi contactos das Escolas de Teatro (nome do representante do curso, telefone, e-mail), para que se pudesse fazer a divulgação, junto deste público.

5.2.2.Montagem

A montagem inclui construção de adereço e apoio à execução de figurinos.

Enquanto aguardava resposta aos *e-mails* enviados para a divulgação d’“As Orações de Mansata”, ia auxiliando a figurinista Ana Rosa Assunção nestas tarefas: pintei as espingardas dos actores, fui ao sapateiro levantar calçado, comprei tinta e outro material necessário e construí garrafas de açúcar.

5.2.3. Administração

No primeiro dia de estágio, depois de me ter instalado no meu local de trabalho foi-me dada a responsabilidade de preparar o *dossier* dos materiais gráficos, isto é, juntei cartazes, flyers, folhas de sala, programas e mupis de todos os espectáculos desde Janeiro de 2013 e que tive que manter actualizado até ao final do estágio, sendo que era tudo registado numa tabela em formato digital.

Fiz também a digitalização de artigos de jornais que faziam referência aos espectáculos que passavam pelo Teatro da Cerca de São Bernardo, para serem colocados no site/blog d'A Escola da Noite e, no caso de artigos relacionados com "As Orações de Mansata", eram descarregados no blog do P-STAGE.

Nas vésperas da estreia d'"As Orações de Mansata" tratei da impressão de algumas reservas de bilhetes para o espectáculo.

5.2.4.Frente-de-casa

Durante a temporada de "As Orações de Mansata", tive a função de assistente de sala: abrir as portas da sala de espectáculo, receber o público, validar os bilhetes.

Fiz o mesmo trabalho em vários espectáculos de programação do TCSB: no espectáculo do Teatro das Beiras (onde distribuí também flyers relativos à estreia de "As Orações de Mansata"); no espectáculo de Magia; em três espectáculos da Mostra de Teatro Galego; em algumas sessões do Ciclo "Coimbra in Motions" e no Festival de Tunas.

Embora algumas actividades tivessem sido mais empolgantes e mais aliciantes que outras depus todo o meu interesse e curiosidade, uma vez que, pude ver na prática, que todas estas actividades são indispensáveis ao processo de produção teatral. Porém, dei o meu melhor em todas as actividades que eram propostas.

O que mais me cativou foram os preparativos e a estreia do espectáculo d'"As Orações de Mansata", pois foi uma experiência única. É muito entusiasmante ver como é recebido o espectáculo que é levado a cabo durante tanto tempo, neste caso específico, durante dois anos e meio de intenso trabalho, podendo comparar o

resultado final com os ensaios e ver a evolução dos actores dia após dia. O contacto directo com o público permite também observar a receptividade do espectáculo e isso é muito satisfatório.

De negativo tenho a apontar a duração do estágio, pois três meses não bastaram para aprender o suficiente.

Em suma, foram estas as principais actividades que realizei ao estágio. Tendo em conta que o curso não visa uma formação directamente profissional, tive a oportunidade de desenvolver actividades muito diversas e bastante apelativas, permitindo-me assim abordar várias dimensões que uma produção teatral implica. E essa oportunidade só me foi dada derivado do rigor com que a companhia encara as etapas das suas actividades, quer na divulgação dos seus espectáculos e na ligação com o público, quer na definição de reportório.

CONCLUSÃO E BALANÇO CRÍTICO

Ao finalizar o relatório, posso afirmar que foi um enorme prazer trabalhar com a equipa d'A Escola da Noite, pois para além de ser uma companhia profissional bastante conceituada nacional e internacionalmente contribuiu para o meu amadurecimento não só pessoal, como profissional também.

A oportunidade de partilhar com profissionais um número de aspectos relativos à prática teatral, possibilitando a partilha de experiências, ouvir críticas, reajustar ideias e opiniões, e também o assumir de dúvidas e receios, permitiu ganhar maturidade e um maior sentido de responsabilidade, contribuindo para o meu crescimento pessoal. Para além disso, este estágio fez-me amadurecer muito, dado que possibilitou o conhecimento de grande parte das minhas potencialidades e limitações enquanto pessoa, e permitindo-me também a sua aceitação, uma vez que percebi que estas não são sinónimo de fracassos, mas devem ser encaradas como pistas para novas aprendizagens.

Já a nível profissional foi possível um aprofundamento teórico e um conhecimento prático de produção, programação, divulgação e manutenção de espectáculos. Pois, além do acompanhamento da produção e da pós-produção do espectáculo "As Orações de Mansata", foi também motivador e enriquecedor participar no vasto conjunto de outras tarefas necessárias e imprescindíveis numa companhia.

O estágio revelou-se, assim, uma tarefa gratificante e motivadora para a minha caminhada profissional. Porém, alguns aspectos positivos e determinadas dificuldades devem ser mencionadas.

Relativamente aos aspectos positivos, saliento o facto de ter trabalhado numa equipa profissional e ambiciosa como "A Escola da Noite" e, em simultâneo, com a Cena Lusófona, sendo igualmente enriquecedor ao nível das relações humanas, o que me permitiu desenvolver a capacidade de comunicação. Para além disso, considero como positivo a oportunidade que surgiu de contactar directamente com as Associações de Estudantes Lusófonos existentes em Coimbra, algo que desconhecia até então e até mesmo ter conhecido o elenco da peça: aprendi muito com eles e com a realidade de cada um.

No entanto, surgiram-me algumas dificuldades ao longo da temporada do estágio. Em relação aos contactos com as associações, destaco a falta de comunicação entre elas, o que dificultou o diálogo. Ao nível da construção de adereços para a peça, senti dificuldades no caso das garrafas de açúcar, uma vez que não conhecia a técnica para a construção das mesmas. Tratava-se duma experiência e elas acabaram por não ser usadas como elemento do espectáculo. Noutros casos, pude aperceber-me da grande diferença que existe entre a teoria e a prática, isto é, a distância que vai do conhecimento teórico à realização das tarefas na prática. Por exemplo, quanto ao tempo de execução de determinada tarefa ou quanto à necessidade de toda a equipa ter de fazer um pouco de tudo no que diz respeito à produção.

Em forma de conclusão, constatei que o teatro é importante a transmitir mensagens que nos fazem reflectir, sendo o caso da peça “As Orações de Mansata” e a importância de todo o processo de formação dos treze actores que pelo Teatro da Cerca de São Bernardo passaram.

Notava-lhes o cansaço e ao mesmo tempo o entusiasmo de mostrar o que foi feito ao longo dos dois meses e meio, desde as formações até ao último dia da apresentação de espectáculo. É pertinente este estudo da troca de culturas tão distintas, uma vez que a Cena Lusófona tem uma filosofia de trabalho em que aproxima os vários países da CPLP. Por outro lado, dado que o objecto de estágio se centrou num espectáculo para comunidade lusófona, surgiu a curiosidade de perceber se o teatro lusófono é realmente importante na transmissão de culturas. Confirmei-o pessoalmente, testemunhando os resultados da formação nos actores que integraram o espectáculo.

Pude, através do estágio, verificar que o trabalho duma companhia como A Escola da Noite não inclui só um programa de teatro, mas sim várias vertentes artísticas, desde magia, ciclos de cinema e festivais de música; e que, em todas elas, há um trabalho de produção, que não é elaborado por uma pessoa, mas sim realizado por vários membros da Companhia.

Foi, sem dúvida, uma experiência positiva, não só pelas experiências que me foram proporcionadas, mas também pelo conhecimento adquirido, pela forma como me receberam e, sobretudo, por me terem despertado o gosto pelas dimensões que a criação artística implica.

BIBLIOGRAFIA

- Barros, Rosana (1998). O Teatro e as suas Mudanças: O Estágio Internacional de Actores Lusófonos. (Coimbra)
- Cabral, Carlos (2011). Manual de Produção. (Lisboa: Fundação INATEL)
- Folha de Sala do Espectáculo “As Orações de Mansata. (2013)
- Mendes, Conceição (2007). Manual de Produção Cultural. (Lisboa: Fundação INATEL)
- Programa da Peça As Orações de Mansata. (2013)
- Resumo de Actividades Desenvolvidas 1995-2012 (2012, Coimbra: Cena Lusófona)
- Silva, José Diogo da (2010). A Escola da Noite, 18 Anos de Teatro Profissional. (Coimbra)
- Solmer, Antonino (2003). Manual do Teatro. (Lisboa: Cadernos Contracena)
- Vasques, Eugénia (2003). O que é o Teatro?. (Lisboa: Quimera)

WEBGRAFIA

- www.aescoladanoite.pt
- pstage.wordpress.com
- https://www.youtube.com/watch?v=J_ue1JATRjg
- <http://www.telanon.info/cultura/2013/07/22/13891/ritmos-do-socope-abriram-a-festa-da-gravananumaparceria-entre-o-governo-a-cena-lusofona-e-operadores-privados/>
- https://www.youtube.com/watch?v=_2yt6uloMG8&feature=youtu.be
- <http://www.parvodigital.info/index.php/noticias/cultura/item/1161-atores-teatrais-de-stp-vaoparticipar-no-espectaculo-internacional-da-cena-lusofona-em-portugal>
- <https://www.youtube.com/watch?v=Zx2KHJtmepQ&feature=youtu.be>
- <https://www.youtube.com/watch?v=D4ING4wo2hU>
- <https://www.youtube.com/watch?v=U3L5YqAAmu8>
- <http://www.rtp.pt/play/p509/e127182/atras-da-mascara>

<http://paginaglobal.blogspot.pt/2013/09/sao-tome-e-principe-paises-lusoofonos.html>

<http://www.rtp.pt/play/p1058/e128648/portugal-no-coracao-ii/314138>

<http://noticias.sapo.pt/nacional/artigo/macbeth-africano-estreia-em-portugal-com-13-atoresquecelebrama->

lusofonia_16658128.html

http://www.revistalusofonia.pt/cultura/artigo.php?id=as_oraes_de_mansata

<https://www.youtube.com/watch?v=M7ZMgwPRm0I>

<http://www.rtp.pt/play/p509/e130804/atras-da-mascara>

<http://e-cultura.sapo.pt/AgendaCulturalDisplay.aspx?ID=37015>

<http://www.redeangola.info/especiais/p-stage/>

ANEXOS

ANEXO I

Lista de Produções

Lista de produções desde o início da criação d'A Escola da Noite até ao momento:

- Amado Monstro, de Javier Tomeo, encenação de António Jorge e José Neves (1992), Teatro Académico Gil Vicente
- O Triunfo do Amor, de Marivaix, encenação de Rogério de Carvalho (1992), Teatro Avenida
- Ella, de Herbert Achternbusch, encenação de Fernando Mora Ramos (1993), Edifício das Caldeiras
- Susn, de Herbert Achternbusch, encenação de António Augusto Barros (1993), Teatro Académico de Gil Vicente
- Auto da Índia, de Gil Vicente, encenação de Rogério de Carvalho (1993), Cineteatro do Colégio de São Teotónio
- Mandrágora, de Nicolau Maquiavel, encenação de Ricardo Pais (1993), Teatro Avenida
- Comédia Sobre a Divisa da Cidade de Coimbra, de Gil Vicente, encenação de Nuno Carinhas, Teatro Avenida (1993)
- Farsa da Inês de Castro, de Gil Vicente, encenação de Sílvia Brito (1994), Cineteatro do Colégio São Teotónio
- Bonhard, a partir do conto "O Boné", de Thomás Bonhard, direcção de António Augusto Barros e Sílvia Brito (1994), Pátio da Inquisição
- Leôncio e Lena, de Georg Büchner, encenação de Konrad Zschiedrich (1994), Teatro Académico de Gil Vicente
- Uma Visitação, de Gil Vicente, encenação de António Augusto Barros e José Vaz Simão (1995), Teatro Académico de Gil Vicente
- A Birra do Morto, de Vicente Sanches, encenação de António Augusto Barros (1995), Teatro Avenida de Maputo
- Amores, a partir de textos de Federico García Lorca, encenação de António Augusto Barros e António Vaz Simão (1996), Pátio da Inquisição

- Beckett- Primeira jornada, texto de Samuel Beckett, encenação de António Augusto Barros (1996), Pátio da Inquisição
- Lenz, de Georg Bückner, encenação de José Abreu Fonseca (1997), Pátio da Inquisição
- As Troianas, de Eurípedes, encenação de KonradZschiedrich (1997), Pátio da Inquisição
- A Serpente, de Nelson Rodrigues, encenação de José Caldas (1998), Pátio da Inquisição
- Pranto, a partir de “O Pranto de Maria Parda”, de Gil Vicente, encenação de António Augusto Barros (1998), Pátio da Inquisição
- Os Persas, de Ésquilo, encenação de Pierre Voltz (1999), Pátio da Inquisição
- Jacques e o seu amo, de Milan Kundera, encenação de Sílvia Brito (1999), Pátio da Inquisição
- Além as Estrelas são a Nossa Casa, textos de Abel Neves, encenação de António Augusto Barros e Sílvia Brito (2000), Pátio da Inquisição
- Quem Come Quem, de vários autores, encenação de Stephan Stroux (2000), TAGV
- Um Gosto de Mel, de Shelagh Delaney, encenação de Antônio Mercado (2001), Pátio da Inquisição
- Acto Cultural, de José Ignacio Cabrujas, encenação de António Augusto Barros (2001), Pátio da Inquisição
- Amor de Don Perlimplín com Belisa ensujardín, de Federico García Lorca, encenação de António Augusto Barros (2002), Teatro Académico de Gil Vicente
- Auto da Visitação e outras cousas que por cá se fizeram, textos de Gil Vicente, encenação de António Augusto Barros (2002), Oficina Municipal do Teatro
- Almocreves e outras cousas que em Coimbra se fizeram em 1527, textos de Gil Vicente, encenação de Sílvia Brito (2003), Oficina Municipal do Teatro
- O Juiz da Beira, de Gil Vicente, encenação de António Augusto Barros (2003), Oficina Municipal do Teatro
- O Horácio, de Heiner Müller, encenação de Pierre Voltz (2003), Oficina Municipal do Teatro
- Além do Infinito, de Abel Neves, direcção artística de António Augusto Barros, Ana Rosa Assunção, António Jorge e Sílvia Brito (2004), Colégio de Jesus, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Museu da Física

- O Cerejal, de Anton Tchékhev, encenação de Rogério de Carvalho (2004), Oficina Municipal do Teatro
- 2 Perdidos Numa Noite Suja, de Plínio Marcos com a encenação de Sílvia Brito (2004), Oficina Municipal do Teatro
- Noivas, de Cleise Mendes, encenada por António Jorge (2005), Oficina Municipal do Teatro
- Ao Partir Palavras, baseados em textos de Rogério de Carvalho, com dramaturgia e encenação de António Augusto Barros (2005), Oficina Municipal do Teatro
- Ensalada, de textos de Gil Vicente, dramaturgia e encenação de António Augusto Barros (2005), Oficina Municipal do Teatro
- Profundo, de José Ignacio Cabrujas sob a direcção de Sílvia Brito (2005), OMT
- Play, textos de Samuel Beckett dirigido por Sofia Lobo (2006), Oficina Municipal do Teatro
- Prometeu 06, textos de Ésquilo, Kafka e Heiner Müller, encenação de António Jorge (2006), Oficina Municipal do Teatro
- Matéria de poesia, poemas de Adélia Prado, Manoel de Barros, Carlos de Oliveira e Alexandre O'Neill, encenação de António Augusto Barros (2006), Auditório Municipal Carlos Paredes
- Tchékhev e a Arte Menor, seis peças em um acto de AntonTchékhev, encenação de António Augusto Barros (2007), Oficina Municipal do Teatro
- A Boda, de AntonTchékhev, encenação de António Augusto Barros (2007), Casa do Povo de Abrunheira
- Na Estrada Real, de Anton Tchékhev, encenação de António Augusto Barros (2007), Oficina Municipal do Teatro
- Auto da Índia, de Gil Vicente, direcção artística António Augusto Barros, António Jorge, Sílvia Brito e Sofia Lobo (2007), Oficina Municipal do Teatro
- Bonecos e Farelos, texto integral de “Quem tem farelos?”, de Gil Vicente encenação de António Jorge (2008), Oficina Municipal do Teatro
- TNT-Tumulto no Teatro, textos de Raúl Brandão, encenação de Sílvia Brito (2008), Teatro da Cerca de São Bernardo
- 700 Máscaras à procura de um Rosto, textos de Franz Kafka, encenação de António Jorge (2008), Teatro da Cerca de São Bernardo

- Atravessando as Palavras Há restos de Luz, textos de Franz Kafka, encenação de António Augusto Barros (2009), Teatro da Cerca de São Bernardo
- Este Oeste Éden, de Abel Neves, encenação de Sílvia Brito (2009), Teatro da Cerca de São Bernardo
- Sabina Freire, texto de Manuel Teixeira-Gomes, encenação de Rui Madeira (2009), Teatro da Cerca de São Bernardo
- Trilogia 1José, 2Rubem 3Fonseca, texto de Rubem Fonseca, encenação de António Augusto Barros (2010), Teatro da Cerca de São Bernardo
- Noite de Amores Efémeros, textos de Paloma Pedrero, encenação de Sofia Lobo (2010), Teatro da Cerca de São Bernardo
- Teatro Menor, textos de José Sanchis Sinisterra, encenação de António Augusto Barros (2011), Teatro da Cerca de São Bernardo
- Animais Nocturnos, textos de Juan Mayorga, encenação de António Gonçalves (2011), Teatro da Cerca de São Bernardo
- O Abajur Lilás, textos de Plínio Marcos, encenação de António Augusto Barros (2012), Teatro da Cerca de São Bernardo
- Nunca Estive em Bagdad, de Abel Neves, encenação de António Augusto Barros (2012), Teatro da Cerca de São Bernardo
- Directrizes em tempo de paz, de Bosco Brasil, encenação de António Augusto Barros (2013), Teatro da Cerca de São Bernardo
- Orações de Mansata, de Abdulai Sila, encenação de António Augusto Barros, (2013), Teatro da Cerca de São Bernardo

ANEXO II

Fotografias dos espectáculos dos Estágios Internacionais de Actores



Imagem 1- A Fronteira



Imagem 2- O Beijo no Asfalto



Imagem 3 - Olharapos



Imagem 4- Quem Come Quem



Imagem 5-O Horácio

ANEXO III

Curriculum da Direcção Artística

Encenador

António Augusto Barros foi o responsável pela encenação da peça “As Orações de Mansata”, mas o seu currículo já é extenso. É membro fundador d’A Escola da Noite, é, actualmente, o director artístico da companhia e também encenador de grande parte das produções da Companhia. Iniciou a sua actividade teatral em 1975, no TEUC, onde fundou e dirigiu a revista Teatruniversitário, orientou e dirigiu exercícios dramáticos e escreveu e co-encenou o espectáculo Borisvilândia, a partir dos textos de Boris Vian. Foi um dos fundadores da semana Internacional do Teatro Universitário/ bienal Universitária de Coimbra que acompanhou no activo até 1990. Desempenhou vários cargos em diversos teatros, tendo sido assessor da direcção no teatro D. Maria entre 1989 e 1990; director artístico do Teatro Académico de Gil Vicente, entre 1991 e 1994; foi membro do comissariado de Coimbra Cidade Capital do Teatro nos anos de 1992 e 1993; havia sido membro fundador do Instituto de Teatro Paulo Quintela. Dirigiu também vários cursos de teatro e foi colaborador da área teatral em publicações e órgãos de comunicação social. Em 1995, fundou a Cena Lusófona, como já foi referido anteriormente.

Cenógrafos

João Mendes Ribeiro foi também um dos fundadores d’A Escola da Noite e realizou e continua a realizar trabalhos cenógrafos. Para a Escola da Noite assinou, entre outras, as cenografias de “Amado Monstro” em 1992, Comédia sobre a dívida cidade de Coimbra em 1993, Uma visitação em 1995, Acto Cultural em 2001, Amor de “Dom Periplíncon Belisa ensujardín” em 2002 e “O Abajur Lilás” em 2012, juntamente com Luísa Bebiano.

Luísa Bebiano estagiou com João Mendes Ribeiro, com quem colaborou na cenografia de variadíssimas como foi o caso da peça “O Abajur Lilás”, com a encenação de António Augusto Barros.

Figurinista

Ana Rosa Assunção é também fundadora d'A Escola da Noite, na qual é responsável pela imagem gráfica e pela concepção de figurinos da grande maioria dos espectáculos apresentados desde 1992. Trabalhou com os encenadores António Augusto Barros, António Jorge, António Mercado, Konrad Zscheidrich, Nuno Carinhas, Pierre Voltz, Ricardo Pais, Rogério de Carvalho, Sílvia Brito, Sofia Lobo, entre tantos outros. Desenvolveu trabalhos gráficos para a Cena Lusófona, para a Biblioteca Municipal de Cantanhede e Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Responsável pelo figurino da peça "As Orações de Mansata".

Coreógrafo

Zebrinha é bailarino, coreógrafo e professor. Estudou dança clássica e moderna na Suécia e na Holanda (Stadelyk Conservatorium en dans Academie te Arnhem). Como bailarino, foi solista nas companhias Brasil Tropical (onde foi também assistente de coreografia e com a qual actuou em quase todas as capitais europeias), Introdanns (Holanda), Paradis Latin e Alcazar (França) e no Ballet de Monte-Carlo. Actuou em espectáculos com artistas consagrados como Joel Grey, Ben Vereen, Liza Minelli, Tina Turner, entre outros.

É coreógrafo da Companhia dos Comuns (Rio de Janeiro) e do Bando de Teatro Olodum (Salvador) e é director artístico de uma das companhias de dança mais aclamadas do mundo, o Balé Folclórico da Bahia. Entre os seus trabalhos para teatro, destacam-se os trabalhos para os espectáculos Zumbi (Londres e Brasil), Erê (Londres), Dona flor e seus dois Maridos (Ilhéus e Salvador) e A Opera dos três vinténs, O Cabaré da Raça, Relato de Uma Guerra Que Não Acabou, Ó Paí Ó, Áfricas, Sonho de Uma Noite de Verão e Bença (todos do Bando de Teatro Olodum, em Salvador). Com este último venceu o Prémio Brasken para melhor coreografia em Teatro.

Foi professor nos cursos livres de dança moderna da escola de dança da Universidade Federal da Bahia, na Stadelyk Conservatorium en dans Academie te Arnhem, na Academie Internationale de Paris (França), no Project Studio (Munique,

Alemanha) e na Federatie Friy Tiyed (Bélgica). Recebe frequentemente convites para dirigir cursos e *ateliers* nessas instituições. A sua experiência tem ajudado a formar vários artistas baianos que integram actualmente posições de destaque em grandes companhias de dança, no Brasil e no estrangeiro.

Foi quem coordenou o Primeiro Encontro de Escritores da Língua Portuguesa, o Encontro de Culturas da América Latina, a CIAD (Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora), o evento Capoeira Patrimônio Cultural, o Lançamento do III Fesman, a Semana do Benin, em Salvador. Coordenou o Festival de Arte Negra no Senegal em 2010, do Festival de Nossa Senhora da Candelária em Tlacotalpan, do Carnaval de Veracruz, em 2011, no México e de outros grandes eventos nacionais e internacionais. É actualmente coordenador e director artístico do Festival Afro-Caribenho no México.

Direcção Musical

Por último e para completar a direcção artística, Jarbas Bettencourt é cantor e compositor, actua como músico profissional há dezoito anos nas áreas da MPB e da composição de bandas sonoras para Teatro e Dança.

Em 1993, fundou a Confraria da Bazófia, grupo de músicos, cantores e compositores que se vêm destacando no cenário musical baiano através de composições próprias e que, com dois cd's gravados ao longo da sua trajectória, esteve ao lado de artistas como Tom Zé, Capinam, João Bosco, Gilberto Gil, Roberto Mendes, Lenine, Vânia Abreu, Lazzo, Márcia Short, Jorge Portugal, J. Veloso, entre outros.

Em 1996 iniciou-se no campo da direcção musical e da criação de bandas sonoras para espectáculos de dança e teatro. Neste mesmo ano compôs as músicas de *Erê pra Toda a Vida*, encenação teatral para o Bando de Teatro Olodum, dirigido por Márcio Meireles e coreografado por Zebrinha, espectáculo criado especialmente para o Carlton Dance Festival.

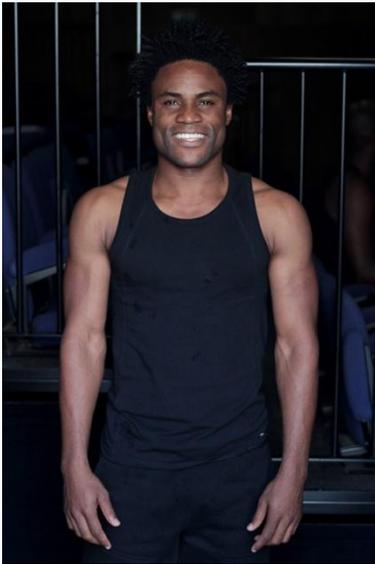
Recebeu o Prémio Braskem de Teatro pelo conjunto da obra em 2004, tendo em consideração os espectáculos: “Vixe Maria”, “Deus e o Diabo na Bahia” (espectáculo comemorativo dos 30 anos da Fundação Cultural do Estado da Bahia), “Esse Glauber”, “Irôco”, “Da Ponta da Língua a Ponta do Pé”, “Alices e Camaleões”,

“Primeiro de Abril”, “Eu”, “A Prostituta Respeitosa”, “Essa é Nossa Praia” e “Auto-retrato aos Quarenta” (espectáculo comemorativo dos quarenta anos do Teatro Vila Velha).

Em 2010 recebeu o Prêmio Braskem de Teatro pelo espectáculo “Shirê Obá”, “A Festa do Rei”.

ANEXO IV

Curriculum dos Actores



Emílio Lucombo é angolano e frequenta o segundo ano do curso de Ciências da Comunicação na Faculdade de Ciências Sociais. No entanto, ocupa o seu tempo em palco. É actor do Elinga Teatro e do grupo de teatro de rua *Os Marados*, de Angola e é bailarino da Companhia de Dança e Percussão Contemporânea Africano Manessima. Desde 2006, destacam-se os seguintes espectáculos entre aqueles em que participou como bailarino ou actor: *A Herança*, de Wonda Bravo encenação de Evandro de Melo, 2006; *Os Patrões*, de Paulo Jorge Dumaresq encenação de Dom PetroDikota e José da Costa, 2008, *Um Negócio chamado família*, de Júlio Conte e encenação de Dom Petro Dikota e José da Costa, 2009; *Palavras Soltas*, de António Jorge, encenada por Adorado Mara em 2012 e *Pluft, O Fantasmilha*, de Ana Maria Clara Machado com encenação de Virgílio Capomba em 2012. Participou em diversos festivais não só no Festival do Cazenga em Angola, 2008, 2009 e 2012, como também no Festival Internacional de Teatro e Artes de Luanda (Angola, 2008, 2011 e 2013), no Festival Internacional de Teatro Lusófono – FESTLUSO Teresina, Brasil, 2009 e 2011) e no Festival Internacional de Teatro de Língua Portuguesa – FESTLIP (Rio de Janeiro, Brasil, 2010).

Eis algumas acções de formação em que Emílio participou sejam na área da dança, do teatro, da música e também percussão: *Actor para Teatro, Televisão e Cinema* (direcção de Evandro de Melo, Daltom e Dom Petro Dikota, 2006); *Preparação de Bailarino Profissional* (2006); *Interpretação – Teatro* dirigida por de Cristina Brás e Wilson Bravo, 2007); *Mergulho Teatral* (direcção de Arim Martins – Grupo Harem de Teatro, Brasil, 2010), a *Oficina de Teatro* dirigida por Rui Madeira, em 2012 e, por último, a *Técnica da Máscara*, dirigida por Filipe Crawford em 2013.



Marleny Musa também nascida em Angola, mais propriamente no Lubango é actriz da companhia de teatro Horizonte Njinga Mbande, de Luanda, desde 2004. Foi aí que começou a sua carreira, pois fez parte do “Grupo B” (júnior) e frequentou o primeiro curso de formação de actores com Richard Démarcy. Enquanto actriz do grupo, realiza uma média de 20 espectáculos por mês, dentro e fora de Angola, e já participou em vários festivais internacionais, no Rio de Janeiro (Brasil), Lisboa e Porto (Portugal) e Jaén (Espanha).

Entre os vários espectáculos em que já participou, destacam-se: *Momentos Beijos*, de Nelson Rodrigues, encenado por Evandro de Mello; *Lucrecia Bórgia*, de Victor Hugo; *Kahitu*, de UanhengaXitu; *Fabiana I e II*; *A Madrasta*; *O Padrasto*; *Ser Taxista*; *O Regressado*; *Sobreviver em Tarrafal*, de Pepetela; *A Sogra e Quanto mais Bandido Melhor* (encenação de Adelino Caracol).

Conta com várias participações em projectos televisivos, em mini-série *Encontros e Desencontros* e telenovela *Windeck*.

Na música, participou no concurso *Gala à sexta-feira* e no *Festival da Canção de Luanda*”, para além de algumas actuações ao lado da cantora Lurdes Van-Dúnem.

Frequenta o terceiro ano do curso de Língua Portuguesa e Comunicação na Universidade Metodista de Angola.



O actor angolano **Paulo Figueira** integra o grupo Henrique Artes (Luanda, Angola) desde 2008. Em 2001 fundou o grupo ATU WA UBE Teatro, no Instituto Médio Industrial do Prenda tendo sido encenador e actor e do grupo de teatro universitário UNIARTES na Universidade Independente de Luanda, em 2004. Foi criador do Núcleo dinamizador do Teatro Universitário de Angola, 2002. Criou e foi quem dirigiu o Festival de Teatro Universitário de Angola (FETU) desde 2007 e coordenador do Núcleo Criador da Associação Angolana do Teatro Universitário —

ATUA, desde Julho do mesmo ano.

Entre os principais espectáculos em que participou, destacam-se: *Erros de Palmatória* (ATU WA UBE em 2003), *A Contraproposta* (UNIARTES em 2007), *Hotel Komarka*, (Henrique Artes, desde 2008), *Confissões* (UNIARTES, 2011), *Até que a Morte nos separe* (UNIARTES, 2012), *Corvos ao embondeiro* (Henrique Artes, 2012) e *O Último Desejo* (UNIARTES, 2013).

Frequentou várias acções de formação na área do teatro, designadamente: *Teatro de Marionetas e Fantoques* (Ministério da Cultura de Angola, 2003), *Curso de teatro, especialidade de elenco* (Ministério da Cultura de Angola, 2007), *Técnicas de Mimo em Cabo Verde* em 2008), *Curso de actuação para Teatro, TV e Cinema* (UTA eventos, 2009), *Curso de actuação para Teatro, TV e Cinema* (CAL – Escola de Artes das Laranjeiras, Rio de Janeiro, Brasil, 2010), *Seminário sobre Desiniciação ao Teatro e O teatro de rua e suas bases* (Grupo de Teatro TÁ NA RUA, Rio de Janeiro, Brasil, 2011). Para além de actor de teatro, é actor de cinema e televisão desde 2003, com participações em projectos como *Sede de Viver*, *Windeck*, *Dima e a casa dos Rapazes*, *Stop Sida* e *A imagem*, entre outros.

Também ele participou em vários festivais de teatro em Angola, Brasil e Cabo Verde. Lecciona a disciplina de teatro para adolescentes no Colégio Nossa Senhora do Bom Sucesso em Luanda desde 2011 e é membro da Comissão de avaliação para a carteira profissional do Artista Angolano, na categoria de Teatro (UNAC — União Nacional dos Artistas e Compositores) desde Julho de 2011.

É licenciado em Engenharia Informática e professor na Universidade Independente de Angola desde 2009.



O actor guineense **Jorge Biague** foi membro fundador do Grupo de Teatro Os Fidalgos, em 2002. Entre os principais espectáculos apresentados pelo grupo nos quais participou como actor destacam-se: *O Lutador*, em 2002 com encenação de Andrzej Kowalski, *Namanha Makbunhe*, em 2003 também ela encenada por Andrzej Kowalski, *Mistida*, em 2004, a partir do romance homónimo de Abdulai Sila; *Balad* em 2005, com encenação de Therry Therrondel e Namanha Makbunhe em 2007, pela que foi uma remontagem dirigida por Andrzej Kowalski para o Teatro Nacional Dona Maria II.

Ainda como actor, integrou o elenco do espectáculo *Liberdade Liberdade*, da companhia portuguesa Eter Cultural, sob a direcção de Filomena Oliveira.

Realizou formação nas áreas da *Técnica da Máscara* (Filipe Crawford, 2005), da interpretação (Cándido Pazó, 2013, no âmbito do projecto P-STAGE, da Cena Lusófona), da iluminação cénica (Elias Macovela, 2003, e José Manuel Marques, 2005), da documentação (Jorge Pais de Sousa, 2003) e da produção teatral (Cena Lusófona, 2009).

Em 2010, integrou a comitiva d'Os *Fidalgos* que representou a Guiné-Bissau na Exposição Universal de Xangai.

Tem, para além do teatro uma significativa experiência cinematográfica, com participações em quatro filmes de Flora Gomes: *Os olhos azuis de Yonta* (1992), *Máscara* (1992), *Pó di Sangue* (1995) e *Nha Fala* (2001), e ainda em *Xime de Sana na Hada*, em 1993 e *Djito tem ku tem*, de Suleimane Bai, de 1997.



Trindade Gomes da Costa também guineense é membro do TEA — Teatro de Estudos Africanos (Ballet Nacional “Esta é a nossa pátria amada”).

Em 2011 e 2012 participou no Festival Caminho de Escravos, na cidade de Cacheu. Em 2012 e 2013 participou na Quinzena Teatral do Centro Cultural Franco-Guineense, em Bissau. Em 2013 foi um dos actores seleccionados pelo CCFGB para o espectáculo *Djumbai dos direitos humanos*.

Também ele participou em filmes guineenses: *Passado de um povo*, de Cabiro Domingos Cabi (2005), *Direitos das crianças*, do mesmo realizador (rodado em 2011, ainda em produção), *Cadjigue*, de Sana na Hada, de 2012.



O actor são-tomense seleccionado chama-se **Amador Fernandes** que, para além de actor, é encenador e director artístico do grupo teatral Os Criativos (São Tomé e Príncipe). Colabora igualmente, enquanto actor, com os grupos *Bonecos Animados da Ilha* e *Fôlô Blaji*.

Foram várias as acções de formação em que ele participou na área teatral, com destaque para a *Oficina de Teatro*, dirigida por Isabela Brochado no Centro Cultural Brasileiro de São Tomé, em 2007, *Oficina de teatro improvisado e marionetas*, dirigida por AudeMarchel, em São Tomé, em 2009 e *Oficina de interpretação (dirigida por Márcio Meirelles, no âmbito do projecto P-STAGE, da Cena Lusófona, 2013-nota de rodapé)*.

Enquanto actor do Fôlô Blaji, participou no Festival Internacional de Teatro de Língua Portuguesa – FESTLIP (Rio de Janeiro, Brasil, 2010) e no intercâmbio com a companhia Hierofante (Brasília, Brasil, 2010). Participou igualmente, em 2012, num Festival de Teatro de Bonecos em Brasília.

Como formador, dirigiu em 2008 uma acção de formação teatral com a duração de dois meses em Água Porca (São Tomé), que daria origem à criação do

grupo *Os Criativos*; em 2010, dirigiu uma acção de formação destinada a partilhar os resultados do intercâmbio Fôlô Blaji – Hierofante.

É director artístico do programa de comédia *Nós por cá* na Televisão são-tomense.

Para além vários certificados e diplomas na área teatral, possui os cursos de Gestão de Empresas, Contabilidade Geral, Empreendedorismo na Indústria Criativa, Gestão Associativa e Socorrismo do Serviço Nacional de Protecção Civil e Bombeiros. Foi guia turístico durante cinco anos.



Wilson de Sousa/ “Pepelinho” foi o último reforço juntamente com o Amador Fernandes para completar o elenco d’*As Orações de Mansata*.

É actor do grupo teatral *Os Criativos* desde 2008 com o qual venceu, em 2010, o concurso teatral de São Tomé, organizado pela Casa da Cultura.

Frequentou a *Oficina de Teatro* dirigida pela encenadora francesa AudeMarchel (Casa da Cultura de São Tomé, em 2009), uma oficina teatral promovida pelo Espaço Cacau (2011), uma oficina de teatro dirigida pelo grupo brasileiro Hierofante (Centro Cultural Brasileiro em São Tomé, 2011) e a oficina dirigida por Márcio Meirelles **(2013, no âmbito do projecto P-STAGE, da Cena Lusófona)**.

Na televisão, integra desde 2011 o elenco do programa de comédia *Nós por cá*, da TVS (Televisão de São Tomé), considerado o melhor programa da TVS de 2012.

Actualmente a frequentar o ensino secundário, trabalhou como técnico de construção civil e técnico de marketing e comunicação.



Elane Nascimento é a actriz do Bando de Teatro Olodum, de Salvador (Bahia, Brasil), desde 2004. Neste grupo, integrou o elenco dos espectáculos *Cabaré da Rrrraça* (2005-2006, enc. de Márcio Meirelles e Chica Carelli), *Sonho de uma noite de verão* (2006 a 2007, enc. de Márcio Meirelles), *O pai ó* (2006 a 2008, enc. de Márcio Meirelles), *Áfricas* (2007-2008, enc. de Chica Carelli) e *Bença* (2010, enc. de Márcio Meirelles), entre tantos outros.

Frequentou várias acções de formação nas áreas da dança– jazz, dança afro, flamenco, ballet clássico e moderno, butoh –, técnica vocal, técnica da máscara e ainda os workshops *A musicalidade no corpo do actor* (Jean-Jacques Lemêtre, do ThéâtreduSoleil) e Spiriti, Laboratório de Teatro Coreográfico e Performance Vocal (Linda Wise e Enrique Pardo).

Participou em vários filmes e séries televisivas: na série *Ó pai ó*, de Monique Gandemberg (2008-2009); nos filmes *Deserto feliz* (2006, realização de Paulo Caldas), *Jardim das folhas sagradas* (2006, realização de Pola Ribeiro) e *Quincas Berro D'água* (2010, realização de Sergio Machado) e a curta-metragem *O Grande Segredo do Cinema*, de Leandro Fonseca e Rafael Jardim, entre outros projectos.



Ridson Reis é actor e músico do Bando de Teatro Olodum, de Salvador (Bahia, Brasil) desde 2006, onde actua em todos os espectáculos do repertório actual.

Iniciou sua carreira artística na *ONG É ao Quadrado* em 2001. Estudou canto (Fundação Gregório de Matos, 2003); música percussiva com leitura de partitura e aula prática; e teatro, com expressão corporal, projecção de voz, leitura interpretativa e criação de personagem, na Fundação Cultural do Estado da Bahia de 2004 a 2006. Fez um curso de extensão na Escola de Música da UFBA, com duração de dois semestres em 2006 e parte dos cursos dirigidos por artistas do

Théâtre du Soleil *A Musicalidade do Corpo do Ator* (Jean Jacques Lemêtre, 2011) e *Improvisação para o Teatro e Com Shakespeare* (Maurice Durozier, 2012). No Bando de Teatro Olodum, continua a receber aulas de canto por Marcelo Jardim, interpretação e improvisação por Chica Carelli e Márcio Meirelles, dança e movimento para a cena por Zebrinha e música para teatro por Jarbas Bittencourt.

Entre os espectáculos em que participa no Bando de Teatro Olodum, destacam-se *Ó paí, ó, Sonho de uma noite de Verão* (espectáculo vencedor do PrémioBraskem/2007), *Áfricas, Cabaré da Raça* e *Bença*, dirigidos por Márcio Meireles, Chica Carelli, Zebrinha e Jarbas Bittencourt. Em 2012, participou no espetáculo *DÔ*, dirigido pelo Dançarino de Buto TadashiEndo.

No cinema e na televisão, foi figurante no filme *Ó paí, ó* e participou nas duas temporadas da série *Ó paí, ó*, em 2008 e 2009. Participou ainda na longa-metragem *A Colecção Invisível*, de Bernard Attal (2011).



Igor Lebreau é actor d'A Escola da Noite, tendo iniciado a sua carreira teatral no Teatro Amador de Pombal. Após a conclusão da Licenciatura em Estudos Artísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, realizou um estágio de actuação n'A Escola da Noite, integrando o elenco dos espectáculos *Este Oeste Éden* (encenação de Sílvia Brito) e *Atravessando as palavras há restos de luz* (enc. António Augusto Barros), ambos em 2009. Ainda na companhia, integrou os elencos de *1. José, 2. Rubem, 3. Fonseca* (2010, enc. António Augusto Barros); *Noite de amores efémeros* (2010, enc. Sofia Lobo); *Teatro Menor* (2011, enc. António Augusto Barros); *Santíssima Apunhalada*, que co-dirigiu com Miguel Magalhães (2012); e *Novas diretrizes em tempos de paz* (2013, enc. António Augusto Barros). Foi assistente de encenação em *Animais Nocturnos*, de Juan Mayorga (2011, enc. António Augusto Barros).



O **Miguel Magalhães** também é actor da companhia A Escola da Noite.

Fez o curso de interpretação da Escola Profissional de Teatro de Cascais e trabalhou no Teatro Nacional D. Maria II, no Teatro Experimental de Cascais, no Teatro Aberto, no Teatro Maria Matos e no Teatro Alternativo.

Em 2007, começou a colaborar com A Escola da Noite, integrando o elenco dos três espectáculos realizados a partir da obra de Tchékhov — *Tchékhov e a Arte Menor, Na Estrada Real, A Boda, Nunca Estive em Bagdad* todos dirigidos por António Augusto Barros. Desde então, participou como actor em praticamente todos os espectáculos apresentados pela companhia. Assegurou a direcção de cena nos espectáculos *Este Oeste Éden, Sabina Freire, 1. José, 2. Rubem, 3. Fonseca e Noite de amores efémeros*.

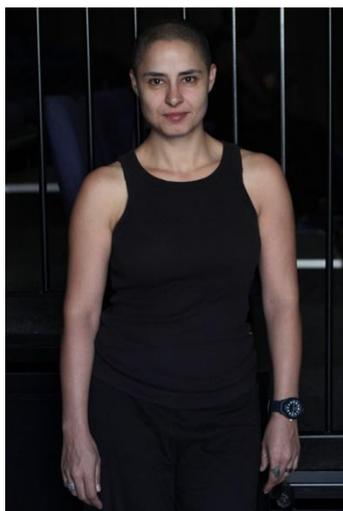


O actor **Rogério Boane** integra a equipa na Companhia de Teatro de Braga, Portugal.

Nasceu e começou a sua carreira artística em Moçambique como bailarino do Grupo de Canto e Dança Milorho. Ainda em Moçambique, participou como actor na peça *O Poder da Terra*, do Grupo de Teatro Xitlhango, e foi escolhido para representar o seu país na peça *Quem come quem*, integrada no projecto *Viagem ao Centro do Círculo*, uma co-produção Cena Lusófona, A Escola da Noite, CTB – Companhia de Teatro de Braga e Teatro Vila Velha (Brasil), estreada em 2000.

Integra desde então o elenco da Companhia de Teatro de Braga, onde participou em quase todas as produções da companhia, com destaque para: *Grande Porto do Sul* (encenação de Rui Madeira); *Uma Comédia na Estação*, de Samuel Benchetrit (enc. Rui Madeira); *Cantiga para Já* (autoria e encenação de Jean-Pierre

Sarrazac); *Da Vida de Komikaze*, de Alexej Schipenko (enc. Rui Madeira); *Doroteia*, de Nelson Rodrigues (enc. Rui Madeira); *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente (enc. Rui Madeira); *trilogia 1.José 2.Rubem 3.Fonseca*, de Rubem Fonseca (enc. António Augusto Barros); e *Projecto Oresteia: trilogia Agamémnon, Coéforas e Euménides*, de Ésquilo (enc. Rui Madeira).



Por último, a actriz portuguesa **Solange Sá** faz parte do elenco da Companhia de Teatro de Braga desde 2002, começando por representar na peça *Uma Comédia na Estação*, de Samuel Benchetrit (encenação de Rui Madeira) e, desde então, participou em quase todas as produções do grupo, com destaque para *Algumas Polaroids Explícitas*, de Mark Ravenhill (2003, enc. Manuel Guede Oliva); *Da Vida de Komikaze*, de Alexej Schipenko (2004, enc. Rui Madeira); *Doroteia*, de Nelson Rodrigues (2005, enc. Rui Madeira); *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente (2007, enc. Rui Madeira); *As Bacantes*, de Eurípides (2008, enc. Rui Madeira); *Sabina Freire*, de Manoel Teixeira-Gomes (2009, enc. Rui Madeira, co-produção com A Escola da Noite); *trilogia 1.José 2.Rubem 3. Fonseca*, de Rubem Fonseca (2010, enc. António Augusto Barros, co-produção com A Escola da Noite), entre tantas outras. É formada em Teatro-interpretação e em Estudos Teatrais, pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE), do Instituto Politécnico do Porto.



ANEXO V

Fotografias das Oficinas



Imagem 6- Oficina de Interpretação dirigida por Rui Madeira, em Luanda



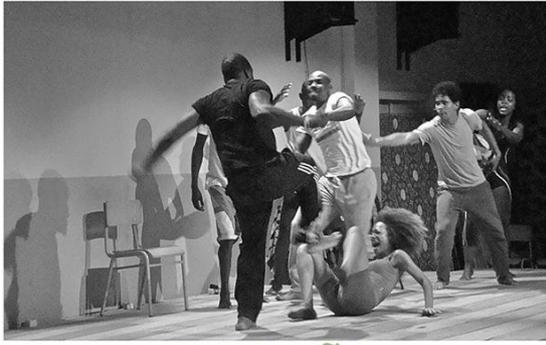
Imagem 7- Oficina de contos de histórias, dirigido por Cândido Pazó, em Guiné – Bissau



Imagem 8- Oficina de Márcio Meirelles, em São Tomé e Príncipe

ANEXO VI

Materiais Gráficos do espectáculo “As Orações de Mansata”



AS ORAÇÕES DE MANSATA

de ABDULAI SILA

encenação ANTÓNIO AUGUSTO BARROS
cenografia JOÃO MENDES RIBEIRO

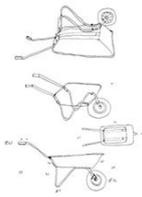
co-produção CENA LUSÓFONA, A ESCOLA DA NOITE, COMPANHIA DE TEATRO DE BRAGA, TEATRO VILA VELHA

TEATRO DA CERCA DE SÃO BERNARDO

estreia 17 Out

P-STAGE

projecto de formação, criação e difusão teatral da Cena Lusófona em parceria com a companhia de teatro Elinga (Angola) e a ONG AD-Ação para o Desenvolvimento (Guiné-Bissau).



pstage.wordpress.com



Imagem 9- Cartaz provisório



Imagem 10- Cartaz definitivo

GLOSSÁRIO

APOLOH – método de tortura em que o preso é pendurado com a cabeça para baixo, a qual é periodicamente mergulhada num tanque com água

BAGAR-BAGAR – caos

BALOBA – local de culto religioso; santuário animista

COURO – cargo; posição

DJAMBAKUS – curandeiro; feiticeiro

DJANFA – traição

DJIDIU – músico; artista

FOLHAS DE FOLE – Fole: árvore típica de savana, que dá frutos amargos também chamados fole, usados para produzir sumo ou como tempero na cozinha

KATANDERA – adolescente do sexo feminino que serve numa Baloba

KIBIR-KABAR – anarquia

MEKER-MEKER – intriga

MISTIDA – afazer; assunto; negócio; caso; compromisso

MOFINEZA – azar; desgraça

MUKUR-MUKUR – secretismo

MURU – marabu; feiticeiro

NHENGHER-NHENGHER – conspiração



fotografia de Augusto Baptista

POILÃO – árvore de grandes dimensões, tradicional morada dos espíritos

SUPREMATURA – edifício onde funciona o gabinete do Supremo Chefe

TABANCA – aldeia; povoação

TAFAL-TAFAL – aldrabice; trapaça

TALIBÉ – discípulo de escola corânica

TCHUMUL-TCHAMAL – confusão; desordem

UAK – intenso; vivo (Em crioulo cada cor tem associada uma expressão específica. Por exemplo, para o branco é “fandan” e para o preto é “nok”.)

YUKUR-YAKAR – cilada

YRAN – deus; espírito sagrado

P-STAGE

IV ESTÁGIO INTERNACIONAL DE ACTORES

Desenvolvido no âmbito do Programa ACP-UE de apoio aos sectores culturais ACP. Programa executado pelo Secretariado do Grupo dos Estados ACP e financiado pela União Europeia.

pstage.wordpress.com



Imagem 11- Folha de Sala (frente)

GLOSSÁRIO

APOLOH – método de tortura em que o preso é pendurado com a cabeça para baixo, a qual é periodicamente mergulhada num tanque com água

BAGAR-BAGAR – caos

BALOBA – local de culto religioso; santuário animista

COURO – cargo; posição

DJAMBAKUS – curandeiro; feiticeiro

DJANFA – traição

DJIDIU – músico; artista

FOLHAS DE FOLE – Fole: árvore típica de savana, que dá frutos amargos também chamados fole, usados para produzir sumo ou como tempero na cozinha

KATANDERA – adolescente do sexo feminino que serve numa Baloba

KIBIR-KABAR – anarquia

MEKER-MEKER – intriga

MISTIDA – afazer; assunto; negócio; caso; compromisso

MOFINEZA – azar; desgraça

MUKUR-MUKUR – secretismo

MURU – marabu; feiticeiro

NHENGHER-NHENGHER – conspiração



fotografia de Augusto Baptista

POILÃO – árvore de grandes dimensões, tradicional morada dos espíritos

SUPREMATURA – edifício onde funciona o gabinete do Supremo Chefe

TABANCA – aldeia; povoação

TAFAL-TAFAL – aldrabice; trapaça

TALIBÉ – discípulo de escola corânica

TCHUMUL-TCHAMAL – confusão; desordem

UAK – intenso; vivo (Em crioulo cada cor tem associada uma expressão específica. Por exemplo, para o branco é "fandan" e para o preto é "nok".)

YUKUR-YAKAR – cilada

YRAN – deus; espírito sagrado

P-STAGE

IV ESTÁGIO INTERNACIONAL DE ACTORES

Desenvolvido no âmbito do Programa ACP-UE de apoio aos sectores culturais ACP. Programa executado pelo Secretariado do Grupo dos Estados ACP e financiado pela União Europeia.

pstage.wordpress.com



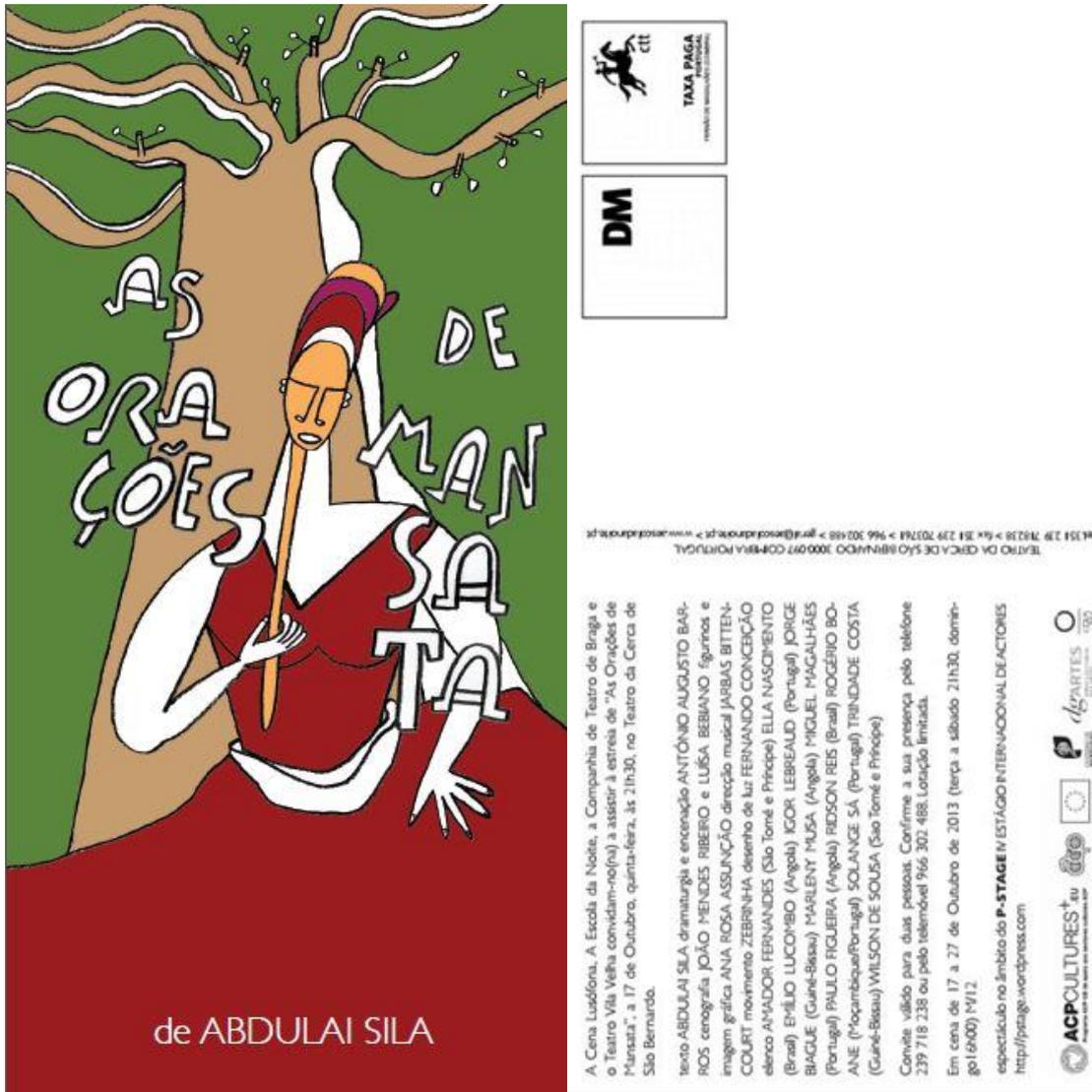


Imagem 13-Convite do espectáculo “As Orações de Mansata”

ANEXO VII

Cartazes dos espectáculos inseridos no período de estágio



Imagem 14- Cartaz do espectáculo Farsas per Musica



Imagem 15- Cartaz do Flor de Livro



Imagem 16-Cartaz do espectáculo de magia de Joshua Jay's.



Imagem 17- Cartaz da Mostra de Teatro Galego



Imagem 18-Cartaz da 2ª Edição Ciclo de Cinema, Coimbra In Motions



Imagem 19 - Cartaz do Ciclo de Cinema Ir (realidades)

XX Canto da Sereia
Festival de tunas femininas

21h30
Entrada livre

Teatro da Cerca de São Bernardo
16 Novembro

Lusitana
Tuna Feminina da Universidade Lusitana de Lisboa

TFAUAV
Tuna Feminina da Associação Académica da Universidade de Aveiro

As Fans
Tuna Feminina da Universidade de Coimbra

Tun'Obebes
Tuna Feminina de Engenharia da Universidade do Minho

Convidados:
Tuna de Medicina da
Universidade de Coimbra
Os Quatro e Mela

Apoios:

Organização:
Mondeguinas

Imagem 20-Cartaz do Festival XX Canto da Sereia

ANEXO VIII

Email para as Associações

Caros amigos,

Na sequência dos contactos que temos vindo a estabelecer com a V. associação, vimos actualizar a informação relativa ao espectáculo "As Orações de Mansata", de Abdulai Sila, com estreia marcada para o próximo dia 17 de Outubro, em Coimbra.

Em primeiro lugar, formalizamos o convite para que 2 elementos da V. associação estejam presentes na estreia do dia 17 de Outubro, pelas 21h30. Basta apenas que nos confirmem a vossa presença, até ao 12 de Outubro.

Em segundo lugar, propomos à vossa associação condições especiais de acesso para grupos de 20 ou mais pessoas que queiram ou possam organizar. Neste caso, o preço praticado será de 3 Euros por pessoa. Estas condições são válidas para todas as sessões agendadas para Coimbra, à excepção do dia da estreia. O espectáculo fica em cena até 27 de Outubro, de terça a sábado às 21h30 e aos domingos às 16h00.

Finalmente, pedíamos que divulgassem junto dos vossos associados, amigos e outros contactos esta iniciativa, com o flyer em anexo e o texto que abaixo transcrevemos.

Para esclarecimentos sobre qualquer um destes assuntos, contactem por favor Joana Amado ou Pedro Rodrigues, através deste e-mail ou dos seguintes contactos: 239 718 238 / 966 302 488 (Teatro da Cerca de São Bernardo) / 917 667 808 (Pedro Rodrigues).

Convidamo-vos novamente a visitar o site <http://pstage.wordpress.com>, onde podem aceder a informações actualizadas sobre todo o projecto.

Muito obrigada e até breve, com os melhores cumprimentos.

Joana Amado

As Orações de Mansata
de Abdulai Sila

Coimbra, Teatro da Cerca de São bernardo

17 a 27 de Outubro

segunda a sábado, 21h30

domingos, 16h00

preços: 5 a 10 Euros

preços especiais para associações lusófonas (grupos de 20 ou mais pessoas): 3 Euros/pessoa

Primeiro texto dramático impresso da literatura guineense, *As Orações de Mansata* oferece um impiedoso retrato dos mecanismos de corrupção, luta pelo poder e violência extrema que caracterizam vários regimes políticos em todo o mundo e têm marcado, de forma trágica, a realidade da Guiné-Bissau nas últimas décadas.

A busca das Orações de Mansata, que supostamente darão aos seus detentores os poderes necessários para dominar o povo, desenrola-se num processo em que a traição, a tortura e a morte são reduzidas à banalidade.

A realidade de uma certa África contemporânea é ainda retratada através das tensões entre as culturas ancestrais (a poligamia, a ligação ao sobrenatural, as formas de poder tradicional, o lugar reservado às mulheres) e o crescente impacto da globalização, através da internet, de outros meios de comunicação e de uma mobilidade internacional cada vez mais facilitada.

O espectáculo reúne um elenco de 13 actores, oriundos de seis países de língua portuguesa - Angola, Brasil, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.

encenação António Augusto Barros cenografia João Mendes Ribeiro e Luisa Bebiano figurinos Ana Rosa Assunção desenho de luz Fernando Conceição elenco Amador Fernandes, Elane Nascimento, Emílio Lucombo, Igor Lebreaud, Jorge Biague, Marleny Musa, Miguel Magalhães, Paulo Figueira, Ridson Reis, Rogério Boane, Solange Sá, Trindade da Costa e Wilson de Sousa co-produção Cena Lusófona, A Escola da Noite, Companhia de Teatro de Braga e Teatro Vila Velha (Salvador, Brasil)

espectáculo construído no âmbito do P-STAGE - Portuguese-Speaking Theatre Actors Gather Energies (IV Estágio Internacional de Actores Lusófonos), uma parceria Cena Lusófona / AD - Acção para o Desenvolvimento (Guiné-Bissau) / Elinga Teatro (Angola) em associação com os Centros de Intercâmbio Teatral de São Tomé e da Guiné-Bissau, a Sol - Movimento de Cena (Salvador, Brasil), o Teatro Circo de Braga e o Teatro da Cerca de São Bernardo. O P-STAGE é desenvolvido no âmbito do Programa ACP-UE de apoio aos sectores culturais ACP, executado pelo Secretariado do Grupo dos Estados ACP e financiado pela União Europeia.

<http://pstage.wordpress.com>